

VERSOS

DE ALGUNS SOCIOS DO

GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

NO MARANHÃO



MARANHÃO - 1872.

Typ. do Frias, rua da Palma, 6.

VERSOS.

VERSOS

DE ALGUNS SOCIOS DO

GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA NO MARANHÃO

PUBLICADOS EM BENEFICIO DO MESMO GABINETE.



~~~~~  
S. LUIZ DO MARANHÃO.  
1872.

Maranhão—Typ. do Frias, r. da Palma, 6.—1872.

## ADVERTENCIA.

Os authores deste livro não teem pretensões a glorias litterarias. Dedicáram-se, ou dedicáram-nos á vida commercial, e nas poucas horas que lhes sobram do seu labôr----fazem versos.

Nunca lhes passou pela ideia dár á estampa essas humildes producções; e se hoje consentem na publicação dellas é devido a instancias da directoria do Gabinete Portuguez de Leitura, que no louvavel empenho com que procura melhorar as circumstancias—infelizmente más—dessa instituição, a primeira e uma das mais uteis creadas aqui por portuguezes, achou que d'ahi lhe poderia vir algum proveito.

Sirva isto de prevenção contra a austeridade dos criticos.







## DEDICADOS

Ao Gabinete Portuguez de Leitura.

Rachitico arbusto plantado em terra inculta,  
Eis-te hoje convertido em arvore viçosa !  
Cercáram-te desvelos ; o tempo fez-te adulta ;  
Medráste ; florecêste ; tornáste-te frondosa !

E' tronco magestoso que a cópa te sustenta,  
O nome **Portuguez** ; escudo, as nossas almas ;  
Amôr da patria, a seiva, o sol que te aviventa ;  
E fructos são os livros ; e fôlhas, verdes palmas.

Aqui, sob os teus ramos, repousa á fresca sombra  
 Qual em macio leito, caçado viajôr ;  
 São-lhe as palmas docél ; a verde relva, alfombra ;  
 E os teus doces fructos lhe dão novo vigôr.

Na vida—que lhe fôra qual êrmo do Sahára—  
 Encontra o grato oásis, emfim, por que suspira,  
 E livre já dos raios d'um sol que o crestára  
 Desprende em honra tua um canto ao som da lyra.

Salve ! salve ! DE LEITURA  
 GABINETE PORTUGUEZ !  
 Lindo prado de verdura  
 Destes campos na aridez !  
 Jardim de plantas mimosas  
 Onde os jasmins e as rosas  
 Véem os romeiros colher !  
 Fonte—onde o peregrino  
 P'r'amenisar o destino  
 Vem doce nectar beber !

Ha em ti balsamo santo,  
 Prompto allivio ás nossas dôres :  
 Quereis pranto ? tendes pranto ;  
 Quereis risos ? tendes flôres.  
 Mas isto—se a dôr acalma,

Não é a mais verde palma  
 Do teu formoso jardim ;  
 Não ! que tens mór excellencia,  
 Falle por mim a exp'riencia,  
 Fallem exemplos por mim...

Quando profundos pesares  
 Em lugar d'alegres novas  
 Me vinham d'alem dos mares  
 Infligir horriveis provas,  
 Quem—exhausto, semimôrto,  
 Me deu salutar confôrto,  
 Quem foi que alento me deu ?  
 —Foi de teus fructos a essencia,  
 Essa luz d'intelligencia  
 Que a rasão me esclareceu !

Como o nauta na procella,  
 Tendo já perdida a esp'rança,  
 Quando vê luzir a estrella  
 Que lhe annuncia bonança,  
 Eu senti grata doçura  
 Depois que á luz da leitura  
 Vi o mundo—tal qual é— ;  
 Quando vi, ao pé do abysmo,  
 Entre mim e o Scepticismo  
 Erguêr-se o vulto da Fé.

E pois—oh compatriotas!  
Se na romagem da vida  
Nestas paragens remótas  
Vos lembra a patria querida,  
Vinde exalçar-lhe o renôme ;  
Ligáe aqui vosso nome  
A este excelso padrão !  
Se o patrio amôr vos inflamma,  
Vinde erguer—bem alto—a fama  
Da portugueza nação!



## RECITADOS

No dia 1º de Dezembro de 1867,  
em sessão d'assemblea geral da Real Sociedade  
Humanitaria.

A terra de Camões, e Castro, e Gama,  
E mil outros varões d'honrada fama,  
    Gemia na opressão...  
Dos poderosos Filippes de Castella,  
Perdêra Portugal—sob a tutella—  
    Os foros de nação!

Como puderam braços lusitanos,  
Tão temidos por feitos sobrehumanos,  
    Supportar as algêmas!  
Como pôde nação de tantos bravos  
Vér seus filhos soffrerem, como escravos,  
    Humilhações suprêmas!

Vêr—inerme—passar a mãos estranhas  
 As terras onde obrára mil façanhas,  
     Com tanta gloria obtidas !  
 Vêr o bretaõ e o hollandez ousados  
 Roubarem-lhe os dominios conquistados,  
     Preço de tantas vidas !

Que é dessas hostes de que resa a historia,  
 Esse exercito, que as palmas da victoria  
     Tantas vezes lhe deu ?  
 —Eil-o em solo estranho a colher louros  
 Em defeza do throno e dos thesouros  
     D'um rei—qué não é seu!...

Oh! manes d'Albuquerque, Almeida e Castro,  
 Animae-vos, que a luz do vosso astro  
     P'ra sempre se sumio !  
 Vinde salvar a patria agonisante,  
 E dar á sua estrella a luz brilhante  
     De Gôa—Ormuz—e—Dio !

Mas não...não...esperae, que aos meus ouvidos  
 Chega um grito mais forte que os gemidos  
     Do povo—que soffria ;  
 E esse grito... (que jubilo eu sinto !)  
 E' um brado que sôa bem distincto :  
     « Abaixo a tyrannia ! »

.....

E quem são esses que, ousados,  
 Vendo da patria o soffrer,  
 Levantam braços armados  
 P'ra libertal-a ou morrer?  
 —Eil-os ahi, meus senhores,  
 Cercados de murta e flôres,  
 Esses heróes immortaes! \*  
 Rendei-lhes culto profundo,  
 Que a historia de todo o mundo  
 Não mostra exemplo d'iguaes!

Como—ao bramir tormentoso—  
 Das nuvens em turbilhão  
 Desce o raio, e ao tronco annoso  
 Quebra, arranca, e deita ao chão;  
 Assim á voz—liberdade—  
 Ruge fera a tempestade  
 Naquelles peitos de lei,  
 E ao vigôr de fortes braços  
 Cede, e cáe feito em pedaços  
 O sceptro do hispano rei!

Os nomes dos conjurados viam-se pendentes das paredes em lindos festões  
 de murta.

Teus brilhos, oh sol da Gloria,  
Sobre seus nomes derrama !  
Louva-os tú, oh voz da Historia,  
Pelas cem tubas da Fama !  
Que eu só posso com respeito  
Guardal-os dentro do peito  
Com funda veneração,  
E, calando a lyra esquiva,  
Dos labios soltar um—viva—  
Nascido no coração.





## SUPPLICA.

(A J. L.)

### I

Virgem formosa, tão modesta e candida,  
Cheia de graças e de encantos célicos,  
    Que adoro e estremêço !  
Abre o teu coração casto e virgineo,  
E acólhe a minha pobre e humilde supplica  
    —Se tanto te mereço...

Sei que não sônhas ouuropeis e titulos  
Que a vida tornam—transformando os habitos—  
    Em agro soffrimento ;  
Nem póde um genio como o teu, angélico,  
Sonhar grandezas, desejar palacios,  
    Sequer por um momento.

Bem sabes que não é na vida esplendida,  
 Cheia de pompas e prazer's ficticios,  
     Que existe a flicidade ;  
 Ha nella, ás vezes, do ciume frivolo  
 O negro inferno, que transmuta rápido  
     Em odio, a amizade.

Ah! nunca creias nesses brilhos lúcidos  
 Prenuncios sempre de uma paz ephémera;  
     —Tú nasceste p'r'amar !  
 Nessa candura que contemplo extactico,  
 Tal sentimento em carácter's magnificos  
     Eu pude divisar!

Captivou-me esse dom. Té hoje incólume  
 Dos que amor faz gosar; doces effluvios,  
     Sem nada ter sentido,  
 Não posso reprimir o affecto indómito,  
 Nem calar por mais tempo o grito intimo :  
     —Confesso-me rendido!

Oh! meu anjo de amor, imagem púdica  
 Dos magos cherubins, que o solio ethéreo  
     Habitam do Senhor !  
 Abre o teu seio virginal aos zéphyros,  
 Manda-me nelles pressurosa um átomo  
     Sequer, do teu amor!

## II

Não vês, ás vezes, transformar-se a abóbada,  
 E negra cerração torna-a tétrica,  
     Diffundindo pavôr ?  
 E logo apóz não vês o astro regio  
 As trevas dissipando atmosphéricas,  
     Dar-nos vida e calor ?

Tal foi a transição perfeita e súbita  
 Que, com a chamma de teus olhos, vívida,  
     Eu pude conhecer ;  
 De sombrio que éra, e melancólico,  
 Em almos gosos, em prazer e jubilo  
     Mudou-se o meu viver !

Hoje sou outro, minha virgem lânguida !  
 E consagrando-te um amor sem mácula,  
     Ardentè, sem igual,  
 Quero embeber-mê n'uma vida placida,  
 E teus conselhos abraçando, sabios,  
     Tomar-te por phanal !

Anjo fagueiro, tão singelo e tímido !  
Tú que és sómente o venerando idolo  
Da minha adoração ,  
Oh ! dá-me puro e salutar o balsamo  
Que desta vida dulcifique as mágoas,  
Celeste emanação !

Musa adorada desta lyra gélida  
Que só tem vozes p'ra sagrar-te canticos  
Mesquinhos, sem valor ;  
Oh ! dá-lhe inspiração sobeja e próvida  
N'um terno olhar vivificante e mágico  
Que só traduza—amor !

Risonho enlêvo dos meus sonhos aureos,  
Ah ! quantas vezes, vaporosa sylphide  
D'angelico semblante,  
Tú me appareces, e eu procuro sóffrego  
Das tuas vestes oscular as fimbrias !  
—Mas foges n'um instante...

Volves depois, e descerrando os labios  
Que a côr imitam dos rubis, purpúrea,  
A' vida me remontas  
Nesse sorriso de um poder magnetico  
Com que—um porvir de perennaes delicias  
Tão bello, enfim, me apontas!

Oh ! meu anjo de amor, imagem púdica  
Dos magos cherubins, que o solio ethéreo  
Habitam do Senhor !

Abre o teu seio virginal aos zéphyros,  
Manda-me nelles pressurosa um átomo  
Sequer, do teu amor !

Deixa que eu possa n'um viver poético,  
Rindo do mundo que eu detesto, cynico,  
Sómente em ti pensar !

Oh ! deixa-me alentar a esperança férvida  
De virmos inda a ser um' alma unica  
Um dia, aos pés do altar !



## A JOVEN CAPTIVA.

( ANDRÉ CHÉNIER. )

« A tenra espiga nasce, e madurece ;  
Bebe a parra d'aurora o doce orvalho,  
Sem da fouce temer ;  
E eu, que tambem sou viçosa e bella,  
Bem que ao presente perturbada e triste,  
Não quero inda morrer...

« Uma doce illusão me alenta a vida ;  
Estes muros em vão tolhêr-me tentam  
Os vôos da esperança...  
Mal que do caçador s'escapa ao laço,  
Alegre, e mais feliz, a philomela  
Na amplidão se lança...

« E devo eu já morrer ? Tranquilla durmo,  
 Sem que o remórso me perturbe o somno  
     Té o romper do dia ;  
 E tudo me sorri quando desperto,  
 E de vêr-me risonha, os que são tristes  
     Recóbram a alegria...

« O têrmo da jornada está tão longe !  
 Dos ulmeiros da estrada—inda sómente  
     Os primeiros passei...  
 Do banquete da vida, que começa,  
 A taça inda replecta—só dos labios  
     Levemente toquei...

« Estou na primavera ; aspíro á ceifa,  
 E—como o sol as estações, da vida  
     Percorrer todo o praso ;  
 Flòr que n'um jardim mal desabrócha,  
 Apenas vi o despontar d'aurora  
     E quero ver o occáso... »

.....

Tambem captivo e triste, a minha lyra  
Despertava, da voz ingenua e pura  
Escutando os lamentos;  
E suffocando em meu peito as mágoas,  
A's doces leis do verso accomodava  
Os candidos accentos.





## A' CARIDADE.

Distribuidos por uma interessante menina  
durante a cerimonia da benção e inauguração do  
novo hospital portuguez.

Filha do céu ! sublime Caridade !  
Emanação de Deos, que o mundo habitas  
Em busca d'infortunios e desditas,  
P'ra lhes suavisar os amargôres !  
Que das prôvidas mãos consôlo espalhas,  
Pelas victimas tristes da indigencia,  
Tornando-lhes suave a existencia  
Livre já do pungir d'acerbas dôres !

Vem com tua presença honrar o esforço  
Dos que buscam seguir-te o santo exemplo !  
Preside á fundação de mais um templo  
Que hoje se levanta em honra tua !

E em cada pedra aqui deste edificio  
 Erguido pelo amor da humanidade,  
 Uma imagem verás, oh Caridade,  
 Que o teu sagrado nome perpetúa!

Vem, celeste virtude! Aqui, sómente  
 Encontrarás gravado em cada peito  
 O teu symb'lo, unido ao são preceito  
 Que resume a moral dos actos teus!  
*Amáe-vos como irmãos*—eis a divisa;  
 O emblêma—a teu lado Fé, e Esp'rança;  
 Das tres grandes virtudes a alliança,  
 E por cima de tudo um nome: DEOS!



## É JA' TARDE, MULHER!

É já tarde, mulher! Já outra joven  
Mais e menos que tú—bella e vaidosa—,  
Mudou as mágoas minhas em prazeres,  
Tornou a minha vida venturosa.

E' já tarde, mulher! Esconde sempre  
De meus olhos os teus, crucis, traidores;  
Que eu dos teus perjurios e sarcasmos  
Jamais esquecerei os dissabores.

E' já tarde, mulher! Não calculáste  
—Apesar dessa astucia feminil—  
Que um dia, cêdo ou tarde, eu m'ergueria  
Altivo, a saccudir o jugo vil?

E' já tarde, mulher! Chegado o dia  
Fatal do desespero e da cegueira,  
Queres tú que eu inda creia nessas falas,  
Incauto, como o fiz a vez primeira?

E' já tarde, mulher! Eu te abomino!  
E—feliz ou infeliz—que eu venha a ser,  
Bemdirei, sempre alegre, a bôa hora  
Em que pude orgulhoso alfim dizer:

—E' já tarde, mulher! Já outra joven  
Mais e menos que tú—bella e vaidosa—,  
Mudou as minhas mágoas em prazeres,  
Tornou a minha vida côr de rosa!



## O MACACO

que mostra a lanterna magica.

( FLORIAN. )

Oh talentos, cujo agudo espirito  
P'ra rabiscar propende ;  
Que já em prosa e verso haveis escrito  
N'um estylo pompôso—e até bonito,  
Mas que se não entende—  
Esta fabula escutae, onde transluz  
Que nada valem *presumpções* sem *luz*.

Um sujeito, que a magica lanterna  
Como meio de vida ás vistas dava,  
Um *nico* possuía,  
Que a casa gran' concurso lh'attrahia  
Pelas *habilidades* que mostrava.

Jacquot, (era o seu nome) trabalhava  
Com summa perfeição na corda bamba :

Dansava,

Pulava,

Dando o *saltò mortal* por fim; (caramba!)

Depois, sobre um baraço,

D'espingarda no braço

Ou á cinta cingindo a durindana,

Fazia exercicio *á prussiana*.

Um dia, (e creio eu que era de festa)

Tendo o dono ficado na taverna,

Jacquot—em liberdade

Quiz dár provas da sua habilidade,

Mostrando, elle mesmo, a tal lanterna;

E foi-se a reunir pela cidade

Cães e gatos, perús, frangos, cevados,

E animaes de toda a qualidade,

Que chegam bem depressa enfileirados.

« —Entrae, Snrs, entrae, dizia o *móno*;

« Aqui um espectacl'o, vou mostrar-vos

« Novo, e *gratis*, que certo hade encantar-vos;

« Não sou como o meu dono,

« Que á porta—da entrada cóbra imposto;

« Eu trabalho —por gosto—»

E nisto cada qual tomou lugar.

Foi-se a lanterna magica buscar,  
 Fecharam-se as janellas e os postigos,  
 E Jacquot predispoz dos seus amigos  
     O brilhante auditorio,  
 Co'um discurso adaptado a taes ensêjos.  
     O esforço oratorio  
     Causou alguns bocêjos,  
 Mas no fim foi por todos applaudido.

Então Jacquot, pulando de contente,  
     Agarra de repente  
 N'um pedaço de vidro colorido,  
     E o põe na face externa  
     Da celebre lanterna  
 Em cuja direcção crê-se instruido,  
 E diz:— «Quem já viu cousa semelhante ?  
 « Vedes ahi, Snrs, o sol, brilhante  
     « D'esplendor e gloria ;  
 « Agora vêde a lua ; apóz, a historia  
 « De Adão e Eva, e dos animaes.  
 « Oh! como isto é bello! não achaes?  
 « Vêde, Snrs, do mundo a creação ;  
 « Vêde... »  
     E em profunda escuridão  
 A bicharia toda mergulhada,  
     Arregalava os olhos,  
     Porem—não via nada ;

Sala, parêdes, tudo, estava escuro !

« A'-fé, (dizia um gato) eu, por mim, juro :

« De tanta cousa boa

« Com que os nossos ouvidos se atordôa,

« Nada vejo. »

— «Nem eu », responde um cão.

Diz um Perú então :

— «Eu julgo vêr alli *o quer que seja*...

« Não sei que ha, porem,

« Que faz com que eu não veja

« Ou não distinga bem. »

---

O novo Cicero, que, durantê aquillo,

Não cessa d'estragar pomposo estylo,

D'uma cousa sómente s'esquecêra :

—A luz não accendêra.





## SONETO.

Não me perguntem, não, porque descreio  
De tudo—menos só da Divindade—  
Devendo, porque estou na flôr da idade,  
Têr d'esp'ranças e fé o peito cheio ;

Não perguntem porque—da vida em meio  
Não pude ainda achar felicidade  
No amôr das mulheres, nem n'amisade  
Dos homens, que m'inspiram só receio ;

Pois revelar a causa não me é dado  
Que me obriga a viver aos verdes annos  
No frio scepticismo mergulhado,

E só posso dizer que—homens insanos  
E um mundo corrupto, me hão trocado  
Por cada illusão mil desenganos.

## A UMA FOLHA DE CRAVO.

Oh folha pura e mimosa,  
Que igualas em formosura  
A mão alva e graciosa  
De quem deu tanta ventura  
A quem de ti hoje gosa!

Se eu pudesse n'um momento  
Falar-te dos seus encantos  
Esforçando o pensamento...  
Mas não posso, não ; são tantos,  
Que seria louco o intento !

Permitte, folha, consente  
Que eu sôrva o teu grato odôr !  
Dá que o meu fogo se augmente  
Mirando tua nivea côr,  
Tão linda, pura e nitente !

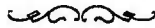
Nesse teu mimoso encanto  
Contemplo os encantos della ;  
Vejo em tua graça o quanto  
Fascinou-me a face bella  
Que eu adoro tanto, tanto !...

E na tua singeleza,  
Que me encanta e me seduz,  
Mostras-me toda a viveza  
Que de seus olhos transluz  
Deixando minh' alma preza !

Em ti, oh pétala qu'rida,  
Conservo viva a lembrança  
Daquella que me deu vida  
N'uma falla d'esperança  
De seus labios desprendida !

Em ti, recórdo as delicias  
Dessa noite venturosa,  
Em que das suas caricias  
Gosei n'uma hora ditosa  
As mais affaveis primicias !

Sempre em ti, de noite e dia,  
Eu terei a copia exacta  
De quem possúe tal magia  
Que no olhar—arrebata,  
E no fallar—extasia !



## ERAS TU?

Eras tú?—ou foi um anjo  
D'aspecto meigo e risôhno,  
Que veio durante o sôhno  
Pairar sobre o leito meu?  
Eras tú?—dize que *sim*  
Embóra visãõ só fosse...  
Que nessa palavra dôce  
Dás-me venturas do céo!

Eras tú, sim; que do rosto  
Eu vi bem na formosura  
Tal expressãõ de doçura,  
Que os anjos não podem ter...  
E eu—n'um vago delirio  
Chamei por ti, e sorriste...  
Quiz abraçar-te, e fugiste...  
Fugiste sem responder!

Eras tú ?—não négues, virgem ;  
 Dize que sim ; pois eu juro  
 Que nunca sônho tão puro  
 A minha mente creou !  
 Era um sonhar deleitoso,  
 Um céu de ventura infinda,  
 Que aquella visão—tão linda—  
 De mais encantos cercou !

Eras tú ;—e me fugiste  
 Sabendo quanto te amo,  
 Sem dizêres ao meu reclamo :  
 —Chamáste-me ? estou aqui !—  
 E nem prolongar quizêste  
 Na vã illusão de um sônho,  
 Esse viver tão risônho  
 Que eu gosava junto a ti !

Eras tú ?—ou foi um anjo  
 Quem eu vi, durante o sônho,  
 D'aspecto meigo e risônho  
 Pairar sobre o leito meu ?  
 Eras tú ?—dize que *sim*  
 Embóra visão só fosse...  
 Que nessa palavra doce  
 Dás-me venturas do céu !

## A FOLHA.

( ARNAULT. )

— « De tú' haste desprendida,  
Pobre fôlha emmurhecida,  
Para onde vás »? — « Não sei !  
Feriu um raio o carvalho,  
E lançou por terra o galho  
Em que, feliz, vicejei...  
Sem soltar um só lamento,  
A's inconstancias do vento  
Desde então me abandonei...  
Vou seguir o meu fadario  
Nas azas do vento vario...  
Como as pétalas da rosa,  
Como as folhas do loureiro,  
Desl' a planicie formosa  
Até o cúme do outeiro,  
Té que, n'um fundo valle arremessada,  
Com minhas mágoas fique sepultada. »

## EU VI-A!

Eu vi-a ! estava tão linda !  
Linda, linda de encantar !  
Era uma fada scismando  
Nas brancas praias do mar !  
Eu vi-a ! estava tão linda !  
Linda, linda de encantar !

Os seus olhos, côr da noite,  
Eram fitos n'um lugar !  
Ninguem d'alli lh'os tirava,  
Não lh'os podia tirar !  
Os seus olhos, côr da noite,  
Eram fitos n'um lugar !

Agitava os seus cabellos  
A meiga brisa ao passar !  
E a bella, pensando sempre,  
Deixava as auras brincar !  
Agitava os seus cabellos  
A meiga brisa ao passar !



Em que pensaria a bella  
Alli sósinha a pensar ?  
E ella estava tão triste,  
Que parecia chorar !  
Em que pensaria a bella  
Assim tão triste a pensar ?

Eu bem sei, porem não digo  
No que ella estava a pensar !  
Ai, quantas vezes—amôr—  
Me tem feito assim scismar !...  
—Eu bem sei, porem não digo  
No que ella estava a pensar !



## HONTEM.

( A. J. L. )

Quão bella estavas ! Que donaire e graças  
Teu corpo esbelto resumia então !  
Toda alegria, toda amor e risos,  
Eras um anjo da eternal mansão !...

Com que meiguice me off'receste o cravo  
Ligado a um galho de alecrim da trança !  
Na flôr, eu vejo a tua imagem qu'rida ;  
Na côr do galho o que me désté ?—esp'rança ?

Oh! dize, dize se esse doce intento  
Na tua mente perpassou de leve ;  
Dize, confessa que emoção sentiste  
Quando toquei a tua mão de neve !

Dize, confessa que rubôr còrou-te  
 Quando na meza te brindei, apóz,  
 E que suspiro foi aquelle, fundo,  
 Quando na sala conversamos sós !...

Como eu te amo ! Quanto amor, que ancia  
 Por ti minh'alma jubilosa sente !  
 Fallas, sorrís, mais um olhar despedes,  
 E assim redobras este amor ardente !

Que paixão louca ! que excessivo affecto !  
 Que prisão forte ! que delirio incrível !  
 Quero privar-mê de fallar-te e vêr-te,  
 E...já não posso ! não é mais possível !

A tua voz, vem despertar minh' alma ;  
 A sombra tua, mê accelera os passos ;  
 E minha mente, n'um estranho anseio,  
 Em tudo visa de teu rosto os traços !

.....

Lembras-te d' hontem? Tú me déste o cravo  
 Ligado a um galho de alecrim da trança;  
 Na flôr, eu vejo o teu fiel retrato...  
 Se a côr do galho me dissesse—esp'rança !...

## MANHÃ D'AMOR.

Minha Irêne, vem commigo  
Aos lindos campos de Flora,  
Gozar do romper d'aurora,  
Vêr surgir do dia a luz!  
Lá poderêmos, tranquillos,  
Fallar dos nossos amôres,  
Entre o perfume das flôres  
Que m'embriaga e seduz!

.....

Vês? como a rosa, orvalhada  
Pelo rócio da manhã,  
Se ostenta fresca e louçã  
Entre as flôr's deste jardim,  
E, ao sôpro perfumado  
Da branda aragem que passa,  
Como, tímida, s'enlaça  
Com as hastes do jasmim?

Vês?—alli, entre a folhagem  
 Agitada pelo vento,  
 Trinarem com meigo accento  
 Lindos, volateis cantôres,  
 E saudando a luz, contentes  
 Doidejarem nos raminhos,  
 Onde se occulta, nos ninhos,  
 O fructo dos seus amôres?


Vês—além, querida Irêne,  
 Nas faldas d'aquelle monte,  
 Manár da limpida fonte  
 Pura lympha crystalina?  
 Vês como por entre as hervas  
 Serpeando mansamente,  
 Lá váe, no prado virente,  
 Dár novo viço á bonina?

Olha: o campo, a brisa, as flores,  
 Os passarinhos, as fontes,  
 O sol a doirar os montes,  
 Tudo é bello...encantador!  
 Tudo ao gozo nos convida...  
 Vem, pois, querida! em meus braços  
 Estreitar os doces laços  
 Com que nos prendeu Amor!

Tú cedes!...oh, como és bella  
Córada assim pelo pejo!...  
Agora, na face um beijo...  
Outro...mais dous...outro ainda!...  
Ah!—viesse a morte agora  
Fulminar-me de repente,  
Que eu déra a vida contente  
Por beijar-te a face linda!

---

Minha Irênc, volta á tarde :  
—Sentados sobre esta relva,  
A ouvir na verde selva  
O cantar dos rouxinóes,  
Que uma vez eu possa ainda  
Gozar as tuas caricias,  
E d'amôr entre as delicias  
Me sinta morrer depois!



## SONETO.

Entrando no meu quarto, a porta tran...co,  
E eis-me a fazer versos com affin.....co;  
Mas chega um *diabo*, e abre o trin.....co  
Quando eũ consertava um verso man.....co!

Não sei aonde estou, que o não desan.....co;  
Pois—distrahido se co'as musas brin....co,  
Tenha embóra já feito quatro, ou cin...co,  
Dos versos á torrente o curse estan.....cò.

Foi-se a inspiração—tornei-me brôn.....co;  
Então, pennas, papel, irado trun.....co,  
E de raiva soltei horrendo rôn.. .....co;

Co' o rasgado papel a casa jun.....co,  
E erguendo-me—duro como um trôn....co,  
Dois murros lh'arrumei no béque adun..co.

## AS DUAS AMIGAS.

E' doce o pranto de gentil donzella,  
E' sempre bello quando a virgem chora ;  
Simelha a rosa pudibunda e bella  
Toda banhada do orvalhar d'aurora.  
Cazemiro d' Abreu.

Ambas chorosas! P'los gentis semblantes  
Perlas brilhantes se deslisam bellas;  
—Tal como o orvalho matutino, santo,  
« E' doce o pranto das gentis donzellas. »

Leve gracejo sem valôr (que pena!)  
Deu causa á scena que descrevo agora...  
Mas quem o facto lamentou, singello,  
« Se é sempre bello quando a virgem chora?! »

Sentidas ambas, lacrimosas inda...  
Que mágoa infinda divisei eu nellas!...  
Seus rostos virgens, quando assim chorosas,  
« Simelham rosas pudibundas, bellas! »



Mas, breve, a nuvem que o horisonte embaça  
Ligeira passa:—já nenhuma chora!  
Findas as horas de pesar turbadas,  
« Eil-as banhadas do sorrir d'aurora! »



A \* \* \*

Qual a açucêna candida,  
Que aos zéphyros sorrindo,  
As pétalas abrindo  
Esparge grato odôr,  
D'amor a rosa angelica  
Mal em teu peito assôma,  
E já suave arôma  
Exhala a casta flôr !

E eu aspiro sôffrêgo  
O virginal perfume,  
Que, para mim, resume  
Todo o prazer da vida!  
Qual isolada planta  
Se nutre d'auras puras,  
Eu vivo das doçuras  
Do teu amôr, querida !

## ESCU TA !

Mulher formosa, seductora, linda,  
Que amôr me pagas co'o desprezo teu !  
Heide provar-te que a paixão não finda,  
Vive, ainda,  
Vive ainda—qual nasceu !

Se—d'alta noite no silencio—um canto  
Repercutir no aposento teu,  
Triste, tão triste qual sentido pranto ;  
Esse canto...  
Esse canto—será meu !

Se porventura succeder que um vate,  
Louvando as graças que o Senhor te deu,  
Tua belleza em versos mil retrate ;  
Esse vate...  
Esse vate—serei eu !

Se um dia vires—qual submisso escravo—  
 Curvar-se humilde a um acêno teu  
 Quem já outr'ora fôra altivo e bravo ;

Esse escravo...

Esse escravo—serei eu !

Se—sob o trajo que a miseria encóbre—  
 Um pobre entrar no domicilio teu,  
 O pão pedindo que ao banquete sóbre ;

Esse pobre...

Esse pobre—serei eu !

Se—pelas ruas divagando—um louco  
 —Misero ente que a rasão perdeu—,  
 A' tua porta fôr sentar-se um pouco ;

Esse louco...

Esse louco—serei eu !

Se te disserem:—eis-ali um homem  
 Que o crime arrasta p'r'o abysmo seu,  
 Entre as orgias que o viver consómem ;

Esse homem...

Esse homem—serei eu !

E se na morte procurar confôrto  
Quem já da vida no prazer descreu,  
Qual triste naufrago que demanda um porto ;

Esse morto...

Esse morto—serei eu !

Qualquer que seja minha sorte, oh linda,  
Verás a causa no desprezo teu !

Verás, ingrata, que a paixão não finda ;

Vive, ainda,

Vive ainda—qual nasceu !



## MORRER!

Morrer inda tão moço, como é triste !  
Morrer, e d'este mundo—inda tão cedo  
    Deixar as illusões !  
Morrer, é d'uma campa solitaria  
A lousa vir cobrir de jovens annos  
    As mil aspirações !

Findarem com a vida, n'um momento,  
Risonhas esperanças, que na mente  
    Ha pouco refulgiam ;  
E vêr tambem com ellas nos fugirem  
Os dias de prazer, que no futuro  
    Alegres nos sorriam !

Ah, sim ! E' muito triste vêr findarem  
 Até as pobres crenças, que nutria  
     O joven coração...  
 Meu Deos, a minha vida inda é tão curta...  
 Não queiras que meu corpo desça em breve  
     Dos mortos á mansão.

Já vi em tôrno a mim mimosas flôres.  
 D'entr' ellas as mais lindas me offertavam  
     Os perfumes que téem.  
 Agora...eil-as já murchas, coitadinhas,  
 Sem viço, sem frescor, é seus perfumes...  
     Fugiram-lhes tambem.

E via, mais além, esse aujo bello,  
 A virgem qu' eu julgava nos meus braços  
     Ir prestes estreitar.  
 Depois, imaginava vêr-me um dia  
 No collo d'ella só, já minha esposa,  
     Contente repousar.

Depois julgava ter, a mim bem juntas,  
 Formosas criancinhas, que entoavam  
     Seus hymnos festivaes ;  
 E vêl-as innocentes, sobre a relva,  
 E aos brincos seûs juntar de quando em quando  
     Caricias paternaes.

Apóz, imaginava que, já velho,  
Curvado sob o peso dos meus annos  
    Que breves vi correr,  
O rosto já rugado, alva a cabeça,  
Cercava-me a familia carinhosa  
    Que alegre vi crescer...

Depois, que o sol da vida s'escondendo  
Além, no horisonte, e de seus raios  
    Fugindo-me o calor,  
A benção derradeira, com mão tremula  
Lançava em tórno a mim, e assim morria  
    Louvando-te, Senhor!...

Por isso é muito triste vêr findarem  
Tão cedo as pobres crenças que nutria  
    O joven coração...  
Meu Deos, a minha vida inda é tão curta!...  
Não queiras que meu corpo desça em breve  
    Dos mortos á mansão!





## OS MEUS BONS TEMPOS.

Não,—chóre quem quizer ! Lá p'ra lamúrias  
Não tenho e nunca tive o menor geito ;  
Rir muito, e rir sómente, é meu proposito,  
Embóra alguém m'o nóte por defeito.

Por isso quando os tempos 'stão *phosphóricos*  
E a *beri-beri* atáca sem piedade,  
Eu cá, p'ra não ficar hypocondriaco,  
Recórdo as aventuras d'outra idade.

É tempo d'isso agora. A tal molestia  
Não cessa de causar crueis terrôres ;  
E eu vou, n'um conto alegre e amantetico,  
Tentar me distrahir, e a vós, leitores.

É lá dos meus bons tempos, dessas épocas  
 Em que a vida s'esvác sem mais nem menos,  
 Quando suppòmos vèr nas nymphas candidas  
 Ainda—os nossos brincos de pequenos.

Dos quinze até aos vinte...ai céos, que pandega,  
 —Só pude namorar por distracção!  
 Porem aos vinte e um...não sei que cócegas  
 Mas sérias já, senti no coração...

Mas vamos ao que importa. As minhas sylphides  
 Fôram apenas sete, bons leitores;  
 Podeis não crêr devéras no tal numero,  
 Porem não duvideis dos

#### MEUS AMORES.

Era a primeira—Violante,  
 E tinha o cabello russo;  
 —Larguei-a no mesmo instante  
 Em que lobriguei-lhe um buço!...

Foi a segunda—Felicja...  
 P'r'o namôro tinha veia,  
 E mesmo certa pericia;  
 Mas era uma centopeia!

A terceira, com effeito,  
 Era em estudos profunda;  
 Mas tinha um nome sem geito:  
 —Ricarda Rita Raimunda!...

Era a quarta—Florisbella.  
 Oh, que genio insupportavel!  
 Só póde igualar-se ao della  
 O de um dragão indomavel!

Da quinta...ainda a saudade  
 O coração me consóme...  
 Mas...p'ra fallar a verdade,  
 Já me esqueceu o seu nome!...

A sexta...Foi uma asneira  
 A minha sexta façanha!  
 E mais era minha *cheira*...  
 Mas parecia uma aranha!...

Porem a melhor conquista  
 Foi para o fim reservada;  
 —D'estas que á primeira vista  
 Deixam a gente encantada!

Era uma fada! e usava  
 P'ra mais realce, lunêta!  
 E como ella se chamava!  
 Que dôce nome!—Julieta!...

Ao vêr-lhe o pé, a cintura,  
 Que prazer que eu não sentia!  
 Mas...que morrer de ventura  
 Se o lindo rosto eu lhe via!!

Mas foi-se tambem. A Parca  
 Embirrou com a minha bella,  
 E n'um arrôjo sem marca,  
 Fêl-a... *espichar a canella!*...

---

Ora aqui tendes, leitores,  
 Em uma historia succinta,  
 Os nomes dos meus amores,  
 Faltando só o da quinta.  
 —Quinta, na numeração...  
 Não é *quinta* de recreio  
 Onde se passa o verão!  
 Com isto devéras creio  
 Que nenhum de vós se engana...  
 Nem tambem, d'outra maneira,

De qualquer uma semana  
 Tomal-a por *quinta-feira* !  
 Sim—não era *quinta-feira*,  
 Nem era *quinta* alugada ;  
 Era a *quinta brincadeira*,  
 Digo—a *quinta* namorada !  
 Desculpae ; mas um engano  
 E' cousa já tão usada...  
 Eu cometto mil por anno,  
 Quando não dóbro a parada !  
 —Mas vamos ás namoradas :  
 Quanto á ultima das sete,  
 Que passagens engraçadas  
 Não tive eu com a *coquette* !  
 Ih ! Jesus, que cousas lindas !  
 Eu nem me quero lembrar  
 Daquellas noites infindas,  
 Passadas sómente...a olhar !...  
 Era o pae, d'ali ; e a mãe  
 (Da minha amada—é sabido—)  
 D'est'outro lado tambem,  
 E eu, no meio...*vendido!*  
 Vendido, sim, com certeza !  
 Pois sem estar áquillo affeito,  
 Achava-me co'a alma preza,  
 E o corpo...um tanto *mal feito!*...  
 —Mas não houve novidade...

Depois, já não estranhava ;  
 Via-me tanto á vontade  
 Como quando em casa estava !  
 E tanta e tal relação  
 Tomei com os paes e manos,  
 Que fui chamado á funcção  
 Quando a pequena fez annos !...  
 O'lá se fui ! Muito *ancho*  
 Me apresentei nesse dia,  
 Porem quasi um pé desmancho  
 Quando as escadas subia !  
 Dei o cavaco ! e fiquei  
 Muito mais desapontado,  
 Quando depois... me lembrei  
 Que tinha um callo esmagado !...  
 —Entrei. Eram nove e meia,  
 E aquella sala espaçosa  
 'Stava litt'ralmente cheia  
 Por muito moça formosa,  
 Por muita velha *carcaça*,  
 E por homens... de talento,  
 Tão baldos de chiste e graça...  
 Como eu, neste momento !  
 —Reina a palestra ! e enquanto  
 Tudo alegre falla e ri,  
 A minha amada—que encanto !—  
 De mim acercar-se vi !

Que formosura, meu Deos!  
 Que pé, que mão, que cintura,  
 Que olhos aquelles seus,  
 Que peregrina feitura!...  
 Tudo nella era elegancia,  
 Singeleza e fino gosto...  
 —Porem notei, em distancia,  
 Que tinha o *cóque* mal posto...  
 Mas foi porque no momento  
 Não ficou bem collocado,  
 E depois, co'o movimento,  
 Cahiu... assim p'ra um lado...  
 —Mas inda assim estava bella!  
 E entre o sussurro infréne,  
 E'ramos sós—eu e ella—  
 A fabricar *kerozene*!...  
 Que fallas doces e puras  
 A realçar-lhe o pudor!  
 Que meneios e posturas!  
 Ai, amor! amor! amor!...  
 —Fômos p'r' a meza. Abundancia  
 Nunca vi, tão *abundante*!  
 Foi mesmo uma extravagancia  
 D'essa gente *extravagante*!  
 Tinha prezunto e pasteis,  
 Gallinha assada e cozida,  
 Rebuçados... em papeis,

A competente bebida,  
 Algum dôce...com formiga...  
 Emfim: tal era a fartura,  
 Que eu sahi com a barriga  
 Parallela co'a cintura!...  
 —Fındou a ceia, e á sala  
 Tudo voltou muito ufano;  
 De novo se brinca e falla,  
 De novo se ouve o piano;  
 E quando, emfim, mais accêso  
 Recrudescer o enthusiasmo,  
 Levanto-me eu, *todo tezo*,  
 Produzindo estranho pasmo!  
 Dirijo-me á minha amada,  
 E convido-a a ir tocar  
 Qualquer cõusa, embora usada,  
 P'ra uns versos recitar!  
 E todo aquelle auditorio,  
 Convidados, paes, e manos,  
 Ouviu este palavrório  
 Que consagrei.

**AOS SEUS ANNOS.**

Julieta, escuta! Teus vinte annos qu'ria  
 Cantar em versos que fizessem rir;  
 Mas qual! quem disse que a ferrenha lyra  
 Dê lá *michordia* que se possa ouvir!...



Está mesmo brônca! sem os sons cadentes,  
 Almos e puros, das passadas éras,  
 Em que eu me punha, todo terno e meigo...  
*Feito um alarve*—a decantar chimeras!

Depois, tú sabes, do costume a falta,  
 Faz que a coitada nunca mais atine;  
 E eu estou vendo que *se entorna o caldo*  
 Pois não dá nada, por mais que eu a afine.

Mas vou tentá-lo! Heide pôl-a hoje  
 N'um *torniquête* que a *esprêma* bem;  
 E...se insistir em se fazer *esquerda*?  
 Então, Julieta versos meus não tem!...

Porem não creio que coajida *em regra*  
 Inda *trastêje*, sem provar ao menos  
 Que sabe quanto eu me alegro em vêr-te  
*Nadando* em gosos perennaes e amenos!...

Ahi tens, Julieta! Em tão faustôso dia,  
 Que o *brodio* reina nesta alegre casa,  
 Eu me apresento co' o meu fato novo,  
 Só p'ra dizer-te o que meu peito abraza!...

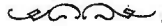
---

Vêde, leitores, se eu não estava  
 Todo terno e amoroso,  
 E se assim não igualava  
 Qualquer um...*delicioso* !...  
 Não tomeis por cassuada  
 Isto que estou a dizer-vos,  
 Pois eu, n'aquella rascada,  
 'Stava mesmo...*todo nêrvos* !...

.....  
 Depois...O resto é bonito:  
 Sentiu-se um dia indisposta,  
 E, como já ficou dito,  
 Mudou-se *p'ra contra-costa*...

---

Não sei se preenchi o fim proposto;  
 Mas tenho cá p'ra mim—e desde a escôla—  
 Que, aquelle que a chorar se põe por gôsto,  
 Ou soffre do *miólo*, ou é carólla.



A M.

Eu quizera, Marilia formosa,  
Em teu collo gentil reclinado,  
Receber de teus labios um beijo,  
Como outróra, d'amor repassado ;  
    Mas—que voltem passadas venturas  
    Eu não posso, não devo esperar...  
    Cessem pois de meu peito os desejos,  
    Venha a morte meus dias findar.

Porem antes que a vida me fuja,  
Vem, Marilia, meu canto escutar ;  
Ah! não tardes, que a voz me fallece  
E já quasi não posso cantar...  
    Vem ouvir os meus tristes queixumes,  
    Enxugar este pranto d'amor ;  
    Vem saber que os prazer's desta vida  
    Todos cedem da sorte ao rigor.

Eu te amei com affecto tão puro,  
 Que no mundo jamais houve igual;  
 E o arbusto d'amor florescia  
 Ao abrigo d'um peito leal...

Longo tempo nutri a esp'rança  
 De o vêr produzir lindas flôres,  
 E não cria que a doces venturas  
 Succedessem crueis amargôres.

Porem quando—d'amôr—pretendia  
 Bella rosa colher em botão,  
 Negro vérme—cortando o arbusto,  
 Fêl-o, murcho, rojar pelo chão!

Ai, Marilia ! que dôr vehemente,  
 Que tormentos, que angustias soffri!  
 —Mas no pranto eu não te maldisse,  
 Não, meu bem—não me queixo de ti!

Inda hoje eu quisera, meu anjo,  
 Em teu collo gentil reclinado,  
 Receber de teus labios mimosos  
 Terno beijo, d'amôr repassado;  
 Mas—que voltem passadas venturas  
 Eu não posso, não devo esperar...  
 Cesse, pois, o meu canto sentido,  
 Venha a morte meus dias findar!

## SONETO.

Temêr-se um homem d'outro—é ser fraco ;  
Blasonar de valente—é fanfarrice ;  
Fugir sem vêr de quê—é criãncice ;  
Não gostar d'um gracejo—é dár cavaco.

Gesticular á tôa—é ser macaco ;  
Alardear saber—é parvoíce ;  
Teimar sem ter certeza—é tolice ;  
Fingir falsa virtude—é ser velhaco.

Não cumprir co' o dever—é ser tratante ;  
Jogar e perder sempre—é desconsôlo ;  
Quem joga e nunca perde—é traficante.

Saber, e ser modesto—é ter miôlo ;  
Quem, como eu, não sabe—é ignorante,  
E se quer ser poeta...então é tôlo.

## VIVO, OU SONHO?

Não sôngo, vivo! Meu amor recresce,  
E sinto forte palpar-me o peito!  
Adeus, tormentos e passadas mágoas  
A que eu, incauto, já vivia afeito!

Adeus p'ra sempre! D'uma virgem bella  
Ternos carinhos vou gosar emfim!  
Não mais lembranças do passado amargo,  
Não mais tristezas! tudo muda em mim!

Jamais á tarde, quando o sol declina,  
Irei sósinho suspirar de dôr  
Sobre os rochedos, junto ao már serêno,  
Lembrando as juras d'um mentido amor!

Jamais! que agora, renovando as crenças,  
Ventura infinda fruirei ditoso  
No meigo olhar e nos sorrisos doces  
Do anjo puro que sonhei formoso!

Sonhei, e vi!—e como o vira em sônhos,  
Os róseos labios para mim abrindo,  
Mostrou-me bellos, nesse breve instante,  
Mundos estranhos que fitei sorrindo!

Loucura, ou gôso? realidade, ou sônho?  
—Então nem hoje definir não pude;  
Só sei que a vida que senti ness' hora,  
Sôfrego almejo que jamais se mude!

Desvaira a mente a recordar os mimos  
Virgineos, castos, por que estou captivo;  
Mas eu só quero jubiloso e crente,  
Bradar afoito:—Não, não sônho; vivo!...



## DESALENTO.

Correi, lagrimas tristes, despenhae-vos,  
Sulcae as minhas faces macilentas;  
D'entre as flôres da vida emmurhecidas,  
Regáe-me esta saudade!

E' o que da quadra de ventura resta  
Entre os escolhos d'um viver cançado  
Ao triste trovador, que vaga errante  
Em estrangeiras plagas!

Nada mais resta; nem a esp'rança ao menos  
D'ainda a patria amada vêr um dia,  
E sobre a campa dos irmãos fiados  
Verter saudoso pranto!

Pobres irmãos, com quem brinquei na infancia  
No formoso pomar da nossa herdade,  
E do *Remanso* nas virentes margens  
Do verdejante prado!



Bem como o vórtice, que arrebatava as folhas  
 Deixando triste e só despido o tronco,  
 Deixáste, oh Parca, supportando angustias  
 A minha pobre mãe !

Quantas lagrimas de dôr, e de saudade  
 Nesse aposento que entristece o luto,  
 Não terás, em silencio, a sós vertido,  
 Oh triste, infeliz mãe !

E eu tão longe de ti, sem uma estrella  
 No vasto már da vida tão incerto,  
 Que da patria meus debeis passos guie  
 Ao desejado porto !

Sem poder essas lagrimas ardentes  
 Enxugar c'os meus labios, de teu rosto,  
 E com a dôr, que me lacera o peito,  
 Abrandar tua dôr !

Sem poder ir contigo, ao fim do dia,  
 Sobre as geladas campas dos finados  
 De fervente oração beber doçuras,  
 Linitivo da dôr !

Meu Deos, quão triste é tudo ! Nem um'ave  
Tem o pobre proscripto, que nas azas  
Um suspiro, uma baga do seu pranto  
Conduza aos patrios lares !

Correi, lagrimas tristes ! do meu peito  
Regae, oh ! sim, regae branca saudade !  
Das flôr's do lar a que me resta apenas,  
Regae-a, minhas lagrimas !



## HYMNO.

Tú, que puzeste o sol no firmamento,  
Que do—nada—creaste o már e a terra,  
E aos mil milhar's de sêres que o mundo encerra  
Déste vida, alma, instincto e movimento ;

Tú—que o universo todo tens suspenso  
Onde em tórno gravitam mil estrellas,  
Mil espheras de luz, fulgentes, bellas,  
Mil mundos, que contém o espaço immenso ;

Cujo poder nos mostra a tempestade,  
Os raios, os trovões, o már irado,  
E que ao menór insecto que has creado  
Fazes que te respeite a magestade :

Tú bem vês, oh meu Deos, que te respeito  
—Não por actos de vil hypocrisia—,  
Mas por módo—p'ra ti—de mór valia,  
—Erguendo-te um altar dentro do peito.

Eu te vejo, Senhor, na voz do nada,  
Quando de ti me falla a dôce brisa ;  
Na corrente do már, que se desliza  
Ora suave e branda, óra agitada ;

Nas trevas, se do dia a luz se apaga ;  
Na luz, que volve a dár-nos claro dia ;  
Das aves no cantar, que me extasia,  
No perfume das flôres, que m'embriaga ;

Próvas do teu poder, oh Creador,  
Vejo em tudo que foi por ti creado ;  
E no altar do peito meu, prostrado  
Te rende o coração hymnos d'amor !



## A RAPHAEL J. CRONER

Por occasião do seu beneficio no theatro  
San' Luiz.

Se eu fôra um poeta de genio, inspirado,  
Ninguem com mais gosto te houvera cantado,  
                  Artista—portento!  
Ninguem com mais arte louvára-te em hymnos  
Iguaes na belleza—aos sons peregrinos  
                  Do teu instrumento!

E quando tú fosses—sulcando o oceano,  
Por terras remotas mostrando-te, ufano,  
                  —Comtigo eu iria ;  
E ás flôres, ás palmas, ás c'roas de louros,  
Que para os artistas bem valem thesouros ,  
                  Juntára a poesia ;

•

Que Euterpe e Polymnia são gêmeas queridas,  
 E vêmol-as sempre brilhar reunidas  
     Com mago esplendôr;  
 Porem—se uma dellas accaso se cala,  
 A outra—bem sabes—não vive, não falla  
     Com tanto primôr.

Mas eu não sou vate: meus versos, sem geito,  
 Nem podem mostrar-te qual sinto no peito  
     A grata emoção...  
 D'ouvir-te, oh artista! me sinto abysmado,  
 E sinto-me em sônhos por ti transportado  
     A' etherea mansão!

E pois que na arte possúes a magia  
 De—em vida—fazer-nos gosar a harmonia  
     Que só no céu ha;  
 E' justo que em troca te rendam louvôres,  
 São justos os bravos, as palmas, as flôres  
     Que um povo te dá.



## RECORDAÇÕES.

Formoso ceo e natureza esplendida,  
Como na patria, tenho aqui, bem sei;  
Mas estes ares não são meus, não podem  
Supprir aquelles que na infancia amei.

( J. R. O. S. )

Ditosos foram da saudosa infancia  
Os breves dias que no lár passei;  
Ternos carinhos, affeições sinceras,  
Tudo indiff'rente—sem pensar—gosei!

Nos treze annos que voaram rápidos  
Entre as caricias maternas tão puras,  
Jamais previra que mudasse tudo  
Do longo exilio nas crueis agruras!

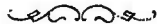
Hoje eis-me hospede d'um paiz esplendido  
Que a natureza favorece assaz,  
Tão illustrado, hospitaleiro e rico  
Que a muitos outros tanta inveja faz;

Onde campeia em anilada abóbada  
 Fulgente lua convidando a amar,  
 E onde eu escuto na estação florída  
 Tão lindas aves meiga voz soltar ;

Onde contemplo, como lá na pátria,  
 Candidas, puras, virgímaes donzellas,  
 Cheias d'encantos, seducções e graças,  
 Como os archanjos do empyreo bellas ;

Onde nas noites de luar, extactico,  
 Fitando o astro que despede a luz,  
 Eu sinto a mente trasbordar d'idéias  
 Que apóz a lyra com prazer traduz...

Ai!...mas que valem distracções ficticias  
 Que a vista acólhe, quando á vista as damos,  
 Se não conseguem ir supprir-nos n'alma  
 O que—na patria—com fervor amamos?!...





## RECITATIVO.

Eu amo a noite, quando o céo .d'estrellas  
Fulgentes, bellas, recamado vejo ;  
Quando da lua ao reflexo baço  
Pago o abraço, que me dás, co' um beijo.

Eu amo a noite, quando a escuridade  
Da tempestade se antevê medôinha ;  
Quando teu peito me revela a mêdo  
Todo o segredo do porvir, que sônha.

Eu amo a noite, porque em noite amena  
Me déste, Helena, do amôr a esp'rança  
Em doces phrases que a ninguem disseras,  
Pois que inda eras infantil creança.

Eu amo a noite de negrúme denso  
Porque em ti penso, *luz* dos olhos meus!  
E amo a noite de luar formoso  
Porque, ditoso, *vejo* amôr nos teus.

Eu amo a noite, seja escura, ou bella,  
Porque é só nella que a ventura existe;  
Porque do dia na afanosa lida  
S'esvae a vida, que em amar consiste.



## SONETO.

Não ha coisa mais triste neste mundo  
Do que—o vêr-se ahi qualquer pedante  
Apregoando em voz alti-sonante  
Talento que não tem, vasto e profundo !

Eis-ali um, gritando que é fecundo  
Em projectos—qual bom negociante,  
E nas letras um novo Mezzofante,  
Pois que *sete* idiomas sabe a fundo !

Pobre tôlo ! lastimo a tua sorte !  
Pois quando assim t'elevas ás alturas  
Pode uma prompta queda dár-te a morte.

Melhor fôra que usasses ferraduras,  
Se não has de jamais mudar de norte  
Deixando-te p'ra sempre d'imposturas !

## LEMBRAS-TE ?

Não te lembra aquelle dia  
Em que eu contigo, Maria,  
Fui tão feliz—a brincar  
Entre a formosa verdura  
Com que brindou a natura  
O nosso mimoso *Algar*?

Inda te lembrás, amôr,  
D'aquella mimosa flôr  
Que tú tinhas no regaço  
Quando, sentada commigo  
D'aquelle ulmeiro ao abrigo,  
Me concedêste um abraço?

Como essa flôr era linda!  
Na lembrança a tenho ainda,  
Como á ti no coração!

Tão pura, mimosa e bella,  
 Tão odorosa e singella  
 Como as tuas flôres são!

Tú te lembrás, bem o sei,  
 D'aquelle beijo que eu dei  
 Nesses lindos labios teus!  
 Tú te lembrás do momento  
 Em que—mudo, em ti attento,  
 Adorei-te—como a Deos!

Que momentos, que gozamos  
 Á sombra d'aquelles ramos  
 Matizados de mil flôres!  
 D'esses instantes, querida,  
 Bem poucas vezes na vida  
 Se gosam assim—d'amôres!

Tenho saudades, Maria,  
 D'esse tempo em que eu te via  
 Tão contente ao lado meu!  
 Mas que fazer, se o meu fado  
 Separou-me do teu lado  
 E por luz trevas me deu?

Agora choro a perda  
Presença tua, querida,  
E os doces tempos d'outrora!  
Meus bellos dias passados,  
Em agros dias tornados  
Lamento saudoso agora!



## CARTA

A UM AMIGO DE PERNAMBUCO.

MEU GARO:

Em versos vou dar-te  
Noticias *cá da pessoa*;  
Não tens de que admirar-te...  
Embóra eu não *pésque* d'arte,  
Sigo a moda, que é bem bôa.

Tambem em phrases *jarretas*  
Fallarei do mundo inteiro;  
Mas não te mando gazetas,  
Porque só nos contam pêtas,  
E, de mais, custam dinheiro...

Oh! e o dinheiro hoje em dia  
*Anda a cavallo*, Theotonio!  
 E fica a gente tão fria  
 Quando a bolsa está vazia...  
 —Parece arte do demonio!

Mas...assim, desta maneira,  
 Não vou ao fim que desejo;  
 Tanto mais, que julgo asneira  
 Vir fallar em *quebradeira*  
 A quem está como eu, me vejo...

Portanto vou, sem demóra,  
 Mãos á obra já metter :  
 —Minha saúde melhóra,  
 Pois que já não estou agora  
 Como d'antes, a gemer.

Qual! agora estou nutrido,  
 Tenho a barriga maior ;  
 Sempre em *pagodes* mettido,  
 Estou mais que convencido  
 Que não ha vida melhor!



Não ha, não ; posso affirmal-o  
Com a mão na consciencia ;  
Nem me venha alguém negal-o,  
Porque eu estou prompto a proval-o  
A toda a luz da evidencia.

Ora bem ! Vamos de nôvo  
Ao já começado assumpto :  
—Estou outra vez co' o *meu pôvo*,  
Que é—a salada, o ôvo,  
Toucinho, queijo e presunto !

E a respeito de bebida !  
Isso é um louvar a Deos !...  
Não ha uma—conhecida—  
Que não tenha dado *vida*  
Aos gelados nervos meus !

Já nada ha que eu engeite !  
De manhã tomo café,  
Ora puro, ora com leite,  
E mais tarde, por deleite  
Saboreio um *capilé* !

E á noite, finalmente,  
Ceiar em casa, não ceio,  
Porque é chá—unicamente;  
Tenho achado mais prudente  
Ir ao *peixe-frito* alheio!

E' um pagóde, Theotonio,  
O meu viver actual!  
Dos meus tempos de *lapónio*,  
Que se fôram co' o demonio,  
Não tenho hoje um signal!

E vale lá d'outro modo  
Levar esta vida ao fim?  
Eu mesmo não me incommódo  
Nem com o meu *passado* todo,  
Nem com o meu *presente* assim!

Ao contrario! Bem esperto  
Isso sim, eu quero ser,  
Para que, distante ou perto,  
Arranje um descanso certo  
Ao meu *futuro* viver.

Mas basta do meu estado.  
 —Foi com prazer verdadeiro  
 Que o teu favor estimado  
 De vinte e um do passado  
 Recebi pelo *Cruzeiro*.

E accusando a recepção  
 Da tua primeira carta,  
 Para mim d'estimação,  
 Aproveito a occasião  
 P'ra dar-te resposta farta.

Vejo que estás satisfeito  
 Com a mudança de terra,  
 E que, pensando a teu geito,  
 Vês que um futuro *perfeito*  
 Para ti, ahi se encerra.

Vou d'accôrdo co' o teu gosto,  
 Pois um *futuro imperfecto*,  
 Ou um *futuro compôsto*,  
 Não valem, não,—eu apôsto—  
 Um só *futuro perfeito*...

.....

Seja agora o nosso thêma  
—Guerra franco-prussiana!—  
Esse terrível problêma,  
Que encerra este negro emblema:  
—Darei com tudo em Pantana!—

Que Deos os benza, coitados!...  
Querem ter erguida *prôa*,  
E ser muito respeitados,  
Pois do contrario—damnados  
Zás!—lá vae bombardar á tôa!...

Dous exercitos aguerridos,  
Os melhores talvez do mundo,  
Lá em combates renhidos  
E em fôgos repetidos,  
Fazendo estrago profundo,

São dous leões assanhados  
 Que se vão despedaçar,  
 Sem lhes lembrar—desalmados!—  
 Que, vivendo socegados,  
 Podem mais tempo durar!

—Vamos a saber, amigo :  
 E's *prussiano* ou *francez*?  
 Pensa bem lá só contigo,  
 Que eu cá já pensei commigo :  
 —Sou e serei...portuguez!

—Fallêmos d'outra façanha  
 Bem fatal, bem infeliz!  
 —O que fará o Saldanha  
 Com a sua amiga Hespanha,  
 E o seu bom *tio* Luiz?...

Ai! meu Portugal querido,  
 Como te calcam aos pés!...  
 Fôste outr'ora destemido,  
 Tão amado e estremecido,  
 Hoje...dize-me—o que és?!...

Nem dos teus filhos d'agora  
Podes ufano esperar  
Aquella affeição d'outr'ora,  
Com que sempre, a toda a hora,  
Te queriam elevar!...

Recordando a tua historia  
Sentes tambem o que eu sinto!  
Lembra-te a passada gloria,  
E carpes, triste, a memoria  
D' Affonso e de Pedro Quinto!...

—Meu Theotonio, a minha lyra  
Ao lembrar a patria amada  
Que o mais vivo amor lh' inspira,  
Soluça, geme, suspira,  
E só murmura:—coitada!!

.....

—Adeos, Theotonio. Quizera  
Por mais tempo demorar-me,  
Se inda mais fazer pudéra  
O que até aqui eu fizera,  
Que não foi mais que *espichar-me*.

Mas se inda mais me espichar  
Com certeza peior fico ;  
Porque tenho a reparar  
Que o papel 'stá a acabar,  
E estical-o... eu não estico.

Por isso, ponto aqui faço  
Com grande pesar p'ra mim,  
Mas é por falta d'espazo.  
—Aceita um saudoso abraço  
Do teu amigo

*Chrispim.*



## FRAGMENTO.

Eu vi n'uma manhã serêna e pura  
Erguêr-se deslumbrante o rei do dia  
D'entre as cortinas d'ouro e de purpura  
Do magestoso leito em que dormia;  
E as aves, do bosque na espessura  
Cantarem com suave melodia,  
Tributando com meiga singeleza  
Louvôres ao creador da natureza.

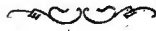
Vi tambem n'um jardim, entre mil flôres  
Que o ar embalsamavam com perfumes,  
Enlaçadas as rosas co' os amôres,  
E de os vêr assim tive ciúmes;  
Mas veio apóz o sol com seus ardôres,  
E eu as vi murchar, sem que queixumes  
Soltassem contra a sua triste sorte,  
Que mal as viu nascer, lhes dera a morte!



Fizeram-me lembrar da curta vida  
 D'uma santa afeição que eu já gosei;  
 Dessa mimosa flôr d'amôr nascida  
 Que no meu coração alimentei,  
 E que tão cedo foi emmurhecida  
 Por um cruel destino, cuja lei  
 Não isemptára a triste dos rigôres  
 Com que soe tratar as outras flôres.

Grande foi esse amôr, oh! sim, comtudo  
 Soffri a dura pena de perdê-lo!  
 Por elle eu esqueci outróra tudo,  
 E hoje...déra a vida p'ra esquecê-lo!  
 Mas não me pôde o peito ficar mudo  
 Tendo d'um lado fogo, e d'outro gêlo:  
 Entre um passado d'amorosas lidas  
 E um presente d'illusões perdidas...

.....



## DISTRIBUIDOS

no theatro San' Luiz na noite  
de 31 de Outubro de 1866, anniversario do  
Sr. D. Luiz 1.º, por occasião d'um espectáculo em  
beneficio da Sociedade Humanitaria.

Como é bello este festejo  
Em honra da Magestade,  
Abraçado co' o desejo  
D'exercer a caridade!  
Como é bello vêr unidos  
Tantos subditos queridos  
Do monarcha portuguez,  
Em prol da mendicidade,  
Protegendo a orphandade,  
Dando vestes á nudez!

E vós também, brasileiros,  
 Que lhes chamaes—povo irmão—,  
 Vós, que sois sempre os primeiros  
 A dar-lhes amiga mão :  
 Quão sublime é o exemplo  
 Que neste instante contemplo  
 Da santa fraternidade!  
 Quando proteger vos vejo  
 Igual fim, igual desejo,  
 —A causa da humanidade !

Que bella causa que é esta!  
 Que justa e santa alegria!  
 Bem haja tão nobre festa,  
 Bem haja tão grande dia!  
 Bem haja o rei festejado,  
 Bem haja o povo illustrado  
 P'ra quem *todos são iguaes!*  
 Bem hajam as almas nobres,  
 Que repartem pelos pobres  
 O que p'ra si é de mais!



## CONTA CORRENTE.

Agora que o fim do anno  
E' para todos presente,  
E cada um por seu turno,  
Com qualquer fim previdente,  
Procura acertar as *contas*  
Com *freguez* ou *committente*,  
E' justo que á—minha amada—  
Eu preste *conta corrente*.  
Sem *juros*, ou *vencimentos*,  
Tudo o que aqui se descreve  
E' no entanto *contrahido*  
Por sua causa;—e pois

### DEVE:

Importancias despendidas  
Logo na phase primeira  
Do meu ditoso namôro,  
Pagas ao Porto, Ferreira,

Guimarães e Vasconcellos  
 Pelas viagens a carro,  
 Em que aos domingos de tarde  
 Eu ia, ancho e bizarro,  
 Passar por ella e saudal-a ;  
 Fóra as classicas gorgêtas  
 Que o boleeiro chupava,  
 Depois de contar tres *chêtas*  
 Decantando o meu bom gosto  
 E a minha felicidade,  
 Visivelmente provada  
 Na constancia da deidade...  
 —Compra de joias e adórnos  
 Com frequencia e profusão ;  
 Gravatas e collarinhos  
*A' Regat e Benoiton* ;  
 Bengalas e chicotinhos  
 Do mais apurado gosto ;  
*Pince-nez* de côres diversas  
 P'r'aformosear o rosto ;  
 Variedade completa  
 De chapéos, cuja elegancia  
 A minha chegada—á bella  
 Annunciasse em distancia ;  
*Palitots, fraks*, casacos,  
*Doubles-capes, albournós*,  
 Calças á *balão* e á *estóque*

Conforme a moda entre nós;  
 Camizas de cambraêta  
 Bordadas, e das mais finas;  
 Sortimento indiscriptivel  
 Das mais perfeitas botinas;  
 Pomadas, oleos, extractos...  
 Já se vê—tudo do tom,  
 Para prender totalmente  
 Sua amorosa attenção...  
 —Cento e tres noites perdidas  
 Que passei para saudal-a,  
 Sem que por mais que passasse  
 Eu conseguisse enconral-a...  
 Tempo gasto em detrimento  
 Dos int'resses do patrão,  
 (Do que sempre resultava  
 Ou *nariz tórto* ou *carão*)  
 A compôr canções, acrósticos,  
 Sonetos, recitativos,  
 P'ra cantar a chamma ignifera  
 De seus olhos expressivos,  
 Ou a belleza e candura  
 De seu rosto angelical,  
 Ou o seu genio travêssio  
 De commoções sem igual,  
 Ou então qualquer palestra—  
 Palestras de namorados

Que são de todo infecundas  
 P'ra fazer versos rimados...  
 —Tres sôcos em um peralta  
 Que suppúz ser meu rival,  
 Vindo depois a saber  
 Que jamais se déra tal...  
 —E finalisa o seu *debito*,  
 Segundo os meus *lançamentos*,  
 Por dous arrufos—sem causa—  
 Que me causaram tormentos.

Eis o que *deve*. Portanto  
 Passarei agora a vêr  
 Se co'o auxilio das *notas*  
 Que existem em meu poder,  
 Formular-lhe posso o *credito* ;  
 O que custoso ha de ser,  
 Porque em taes *recebimentos*  
 E' necessario attender  
 Que ou uma ou outra *addição*  
 Passa, sem a gente qu'rer ;  
 Mas como prompto—*confere*—  
 Na *conta* desejo ter,  
 Não pouparei mil cuidados  
 Para conseguil-o.

**H A V E R :**

Janeiro cinco. Tres walsas

Por ser a vespera de Reis,  
 Mais dez quadrilhas e polkas  
 Nas festas do dia seis ;  
 Não fallando nos olhares  
 E nos apêrtos de mão,  
 Que vinham ter apressados  
 Ao fundo do coração ;  
 Bem como uma pisadella  
 No melhor callo que eu tinha,  
 Que tambem no peito em braza  
 Veio doêr, direitinha,  
 Causando-me taes delicias  
 Que, devendo *debitar-lh'a*,  
 Tanta doçura sentia  
 Que só pude aqui *lançar-lh'a*...  
 —Duzentas sessenta e duas  
 Noites de luar brilhante,  
 Em que esperou p'ra saudar-me  
 Quando eu passava distante,  
 As quaes juntas ás do *debito*  
 (Cento e tres, se não m'engano )  
 Perfazem exactamente  
 Todas as noites do anno...  
 —Um guarda-joias de mimo  
 No meu dia anniversario,  
 Que só tem servido ainda  
 P'ra delicado sacrario

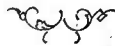


D'alecrins, cravos e rosas,  
 Ou qualquer :uma outra flôr  
 Com que, ás vezes, terna e meiga  
 Me prova o seu muito amor...  
 —Uma desfeita estupenda  
 N'um marmanjo aborrecido,  
 (Já se vê—por meu respeito)  
 Deixando-o compromettido,  
 Só porque o lôrpa tentára  
 Fazer certas *transacções*  
 Entrê os seus olhares e os della  
 Por varias occasiões,  
 Pensando com isto apenas  
 Facilmente subtrahir-m'a,  
 Mas sem *capital* de causas  
 Que lh' abonassem a *firma*...  
 —Um outro *carão* tremendo  
 Em um certo peralvilha  
 Que foi tiral-a n'um baile  
 Para a segunda quadrilha,  
 Quando é notorio e sabido,  
 Attento exemplos passados,  
 Que das quadrilhas—aquella  
 Só pertence aos namorados...  
 —E vou pôr termo ao seu *credito*  
 (Por têr-me em cima escapado)  
 Com um suspiro amoroso,

*Saldo do anno passado.*

Eis terminado o extracto  
 Da sua *conta corrente*,  
 Da qual vou tirar o *saldo*  
 P'ra mandar-lh'a incontinentemente .  
 Embora sem *algarismos*  
 Predispostos em *parcellas*,  
 Não é difficil o *fêcho*  
 De *contas* assim singelas;  
 E porisso á—minha amada—  
 Facil será conhecer  
 Por tudo o que fica exposto  
 No *deve*, como no *haver*,  
 Que—é o *saldo a meu favor*  
 (*Salvo erro e omissão*),  
*Vencivel*—quando fôr tempo  
 Da posse da sua mão.

31 de dezembro de 1871.



## SONETO.

Pobre musa! que série de revézes,  
Que máu fado é este teu, mesquinho,  
Que a miudo te afasta do caminho  
Por onde—ousada—queres seguir ás vezes!

Estás hoje inspirada?—ólha os freguezes  
Perguntando por—linhas de carrinho;  
Dize a este se tens—rendas de linho;  
Olha aquelle, que quer—chaes francezes!

Deixa os versos de parte, e váe depressa  
Debitar os bonecos que vendèste  
A'preta Zeferina—antes qu'esqueça!

Vé lá se tens cadarço igual a este,  
Que o freguez é bem bom...quer *meia peça!*  
—Os diabos te levem, forte peste!—

A \* \* \*

Era ao descahir da tarde,  
Entre a folhagem sombria;  
E eu, sósinho, velava  
A pensar em ti, Maria.

Fugi do rumôr das turbas;  
Procurei a solidão,  
Porque tudo o que lá vive  
D'amôr falla ao coração.

O arôma das flôrinhas,  
Do ribeiro o murmurar,  
O canto das philomelas,  
E da brisa o ciciar;

Sobre as aguas crystalinas  
Dos insectos o brinquêdo,  
O errar da borboleta  
Entre as folhas do arvorêdo;

Tudo isto são delicias  
Que só ha na solidão ;  
Tudo isto, compr'hendido,  
D'amor falla ao coração.



## NA PRIMEIRA PAGINA

D'UM ALBUM.

Eis-me nas minhas quintas! A amisade  
Acaba de elevar-mé ao maior grau!  
Mas ai! se estes arroubos de vaidade  
Só dão-me inspiração p'ra um canto mau,  
Levando-me a soffrer com impiedade  
Da critica atrevida algum quinau  
Que faça baquear o meu orgulho,  
Oh! que *rólo* ha de haver! oh! que barulho!

Barulho, sim, e forte, e grande, e feio!  
Que, sem força muscular, eu tenho lingoa!  
Se alguem a tal diff'rença existe alheio,  
Consinta na franqueza—eu cá distingo-a!  
Mas como nestes casos não receio  
Que as costas soffram por que *não faz mingua*,  
Ninguem tente ferir minha vaidade,  
Que então vae tudo raso na cidade!

Mas basta de bravatas. Colocado  
 No imminente lugar em que me acho,  
 Não devo usar assim d'um phraseado  
 Com que pensem, talvez, que o mundo escácho!  
 Não me bulam, porem! porque eu, zangado,  
 Socêgo não prometto, e dou p'ra baixo!  
 E pois que os prevení, é mui prudente  
 Que busque assumpto novo e transcendente.

Porem...que hei de escrever? Ora, Cardoso,  
 Só tu és quem não tem desculpa alguma!  
 Pois eu abrir um album tão mimoso?  
 Não é porque eu não saiba...é porque em summa...  
 A gente fica assim...toda—nervoso—  
 Quando n'um livro em branco a penna apruma...  
 Depois—não que eu a têmea!—ahi vem a critica  
 Peior que um inimigo na politica!

Imagina em que horrivel *torniquête*  
 Ma vieste encaixar por tua vez!  
 Nem que tente igualár-me a um foguete,  
 Direi o meu estado aqui, talvez!  
 E é o caso, que tamanho *espicharête*  
 Não dei inda—palavra!—neste mez;  
 N'outros, não digo nada...serei franco...  
 Porem nenhum assim n'um livro em branco.

Mas já que estou mettido na rascada,  
 Que não deixa de ser-me lisongeira,  
 Porque não é p'r'ahi qualquer—pomada—  
 Que occupa assim a pagina primeira,  
 Quizera dar-te aqui uma tirada  
 Que fosse mergulhar-te em pasmaceira!  
 —Mas ai! que neste apuro eu estou, de facto,  
 Como os padres no horrivel celibátó!

Se eu fosse dos mimosos da sciencia,  
 Que sabem onde têm o seu nariz,  
 Ou então, se por minha—independencia—  
 Regê-se ós altos cargos do paiz,  
 Vindo a ser, já se vê,—de preferencia—  
 Illustre deputado,—então feliz  
 Tanta cousa diria nesta folha,  
 Que só me calaria havendo *rólha*.

Outra cousa de certo me convinha:  
 Era dar-te n'um canto altisonante  
 Uma copia fiel da—ella—minha,  
 Com toda a labia de meu peito amante;  
 Mas não; que a minha lyra, se é mesquinha,  
 Possui tambem a discrição bastante  
 P'ra não trahir-me em cousas indiscretas,  
 Como fazem sempre as lyras aos poetas.



E pois... eis-me entalado ! Com vontade  
De dar-te em formidavel epopeia  
Uma prova segura de amizade  
Com phrases novas e pomposa ideia,  
Mas sem ter de uma cousa nem metade,  
E da outra tambem sequer nem meia !...  
Comecei d'escrever tão corajoso,  
E por fim que sahiu?!... Não sei, Cardoso.



## O CEGO.

Deixae, deixae passar o pobre velho,  
Deixae passar tambem a criancinha  
    Que o leva pela mão...  
Unidos um ao outro, os pobresinhos  
Caminham em silencio, com a fronte  
    Pendida para o chão.

Deixae, deixae passar os desgraçados :  
Os dias lhes são tristes, que o destino  
    Cruel, assim lh'os deu.  
Da vida amargurada qu' elles levam,  
O premio hão de ter, só quando a morte  
    Cobril-os com seu véo...

Os passos vagarosos, vacillantes  
 Do velho, que, coitado ! não divisa  
     Do dia a maga luz,  
 E' elle, o innocentinho e caro neto,  
 Legado de uma filha estremecida,  
     E' elle que os conduz...

E o velho aperta a mão, tão tenra ainda,  
 Que os passos lhe guiando, cuidadosa  
     O ajuda a caminhar ;  
 E o menino, com olhos supplicantes,  
 Murmúra em fraca voz estas palavras :  
     « Deixae, deixae passar ! »

Caminham, e ninguem se compadece ;  
 Ninguem se lhes acérca, e elles passam  
     Por entre a multidão...  
 Emfim, sobre uma lagea conhecida  
 O velho vae sentar-se, e cabisbaixo  
     Estende a dextra mão...

Debalde, que ninguem se chega a elle,  
 Ninguem a mão lh' estende compassiva  
     P'ra a fome mitigar !  
 Então fundas saudades lhe revivem  
 Dos tempos em que a luz dos olhos tendo  
     Podia trabalhar...

- « Que é feito desses tempos tão ditosos,  
 « Dos dias aprasiveis, venturosos,  
   « Qu' outróra já gosei ?  
 « —Manhãs da primavera—noites bellas—  
 « —Pallida luz da lua—alvas estrellas —  
   « —Nunca mais vos verei !
- « E vós, bellas campinas verdejantes !  
 « Jamais o pobre velho, como d'antes  
   « Alegre vos verá ;  
 « Que a luz que Deos lhe concedêra aos olhos  
 « E os passos lhe guardava dos escolhos  
   « Não mais lhe voltará !
- « Agora é tudo trevas...nada vejo...  
 « Vivendo na tristura, nada almejo,  
   « A esp'rança já perdi !  
 « Oh sim, que desespéra tão má sorte !  
 « Dá, meu Deos, dá que venha em breve a morte  
   « Chamar-me para ti ! »

E as lagrimas dos olhos lhe corriam,  
 E a voz se lh' embargava na garganta,  
   Que intenso era o soffrer...  
 Depois se levantando vagaroso,  
 Procura a debil mão, que o acompanha  
   Na senda do viver...

E aperta inda uma vez essa mãosinha  
Que os passos lhe guiando, cuidadosa  
    O ajuda a caminhar ;  
E o menino com olhos supplicantes  
Murmúra em fraca voz estas palavras :  
    « Deixae, deixae passar ! »



## A CAMPA E A ROSA.

(VICTOR HUGO.)

Disse a campa um dia á rosa :  
—Dos prantos d'alva formosa  
Que fazes, dilecta flôr?  
Disse a rosa á sepultura :  
—Que fazes da creatura  
Que cáe ness' antro de horror?

A rosa:—Campa sombria,  
Faço o mel e a ambrosía  
Que em perfumes mando a Deos.  
A campa:—Flôr, emmudece!  
De cada alma que aqui desce  
Faço um anjo para os céos.

# A CAMPA E A ROSA.

TRADUÇÃO BURLESCA.

(Victor Hugo)

A campa pergunta á rosa :  
—Dos pingos da madrugada  
Que fazes, oh preguiçosa ?  
A rosa diz :—Que pergunta !  
E que fazes, malcriada,  
De tanta gente defunta ?

Diz a rosa:— Os namorados,  
Co'o arôma que fornêço  
Andam todos perfumados...  
Tórna a campa :— Eu faço mais,  
Pois dos corpos que apodrêço  
Faço estêrco p'ra nabaes...

## BEM HAJAS!

Quando por ti eu passei  
Naquella tarde, e te olhei,  
Porque tambem me fitáste?  
Porque foi que não sahiste  
Logo depois que me viste?  
Diz'—porque te demoraste?

Tú costumavas, donzella,  
Quando estavas á janella,  
Mal me vias, retirar-te;  
E porque já te demoras  
E á espera levas horas  
P'ra, quando passo, saudar-te?

E, diz'-mé, porque córaste  
Quando depois me fallaste  
Dando-me um simples : bom dia?  
Era acaso—amor—ou pejo?  
—Déste-me logo o ensejo  
De saber o que seria;



Pois teus olhòs, meu amor,  
Brilhantes desse fulgor  
Que denuncia a paixão,  
Nesse pouco que luziram  
Bem docemente exprimiram  
Palavras do coração !

E eu, mudo, nesse momento  
Tendo em ti meu pensamento,  
Tendo os meus olhos nos teus,  
Senti então nova vida,  
E adorei-te, querida,  
Como só se adora a Deos !

Oh! a tão grata lembrança  
D'essa subita mudança  
Que não creio fosse sônhô,  
Transformou em alegria  
—Goso que eu não conhecia—  
O meu viver tão tristonho.

E como, apóz a tormenta  
Que a doce paz afugenta  
Surge risonha a bonança,  
Depois d'um longo penar  
Vejo alfm nos céos raiar  
D'um bello porvir a esp'rança.

Bem hajas, pois, anjo meu!  
Oh! jamais do amor teu  
Poderei eu duvidar!  
Guia tú sempre os meus passos,  
E verás que os nossos laços  
Jamais se hão de desdar!

Não hão de! que já não dura  
Essa terrível tristura,  
Esse amargo padecer;  
Seja embora dura a sorte,  
Sê tu constante, sê forte,  
E vel-a-hemos ceder!...



## OS DOUS CALLISTAS.

Um desses fôfos janotas  
Que andam sempre em quebradeira,  
Soffrendo os *callos* das botas  
E causando os *da algibeira*,  
Um dia se dirigiu  
Ao grande Schlosser, doutor,  
Que seis callos lh' extrahiu  
*Sem cortar, nem causar dôr.*

—Quanto devo?—e d'algibeira,  
Como quem pagar queria,  
Tirou a linda carteira  
( Completamente vasia... )  
—Nada.

—Como! pois se néga...  
—Sim, diz-lhe o sabio doutor;  
*Quando eu opéra um collega,*  
*Não leva nada, senhor!—*

## SONETO.

( N'UMA MANHÃ CHUVOSA )

Nada, nada ; não gósto do hynverno ;  
Do cálido verão prefiro a ardencia ;  
Se das chuvas durar a renitencia,  
Heide queixar-me dellas ao Eterno.

Direi que um dia assim—é um inferno :  
Se fôr indeferido... paciencia,  
Pois não ha contra a força resistencia,  
E é senhor da força o Deos superno ;

Mas—que eu tenho rasão, isso é verdade !  
Pois eu, que ao café não renuncio,  
Deixei— por elle—a rêde com saudade,

Atravessei o *Largo*, que era *um rio*,  
E buscando calor com anxiedade  
No bulle do café—ençontro-o frio ! ...

## A' INAUGURAÇÃO

DO NOVO HOSPITAL PORTUGUEZ.

Eis o templo, o templo augusto  
Que, á caridade votado;  
Foi pelo braço robusto  
D'um santo amor levantado.  
Na extensão destas paredes,  
Em cada pedra que vêdes  
Por menor que seja o vulto,  
Ha um diploma—tão nobre  
Que nivêla o rico e o pobre  
Da caridade no culto.

Oh mimosa caridade !  
Querida filha dos céos !  
Tua missão cá na terra  
Foi destinada por Deos !  
És a fonte de doçura

Que desta vida n'agrura  
 Póde a desgraça encontrar !  
 És o pharol mais brilhante  
 Que ao perdido viajante  
 Mostrar pode a patria e o lar !

Quando a voz da tempestade  
 Se faz nas serras ouvir,  
 E o rebanho espavorido  
 P'ra o aprisco vês fugir,  
 Tu, oh virgem meiga e pura,  
 Vaes do pastor em procura,  
 Vaes á desgraça acudir !  
 Não te impede a escuridade,  
 Estrella na soledade  
 P'ra o desgraçado a fulgir !

Dás alento ao lasso naufrago  
 Que o már á terra arrojou !  
 E's o balsamo mais santo  
 P'ra o infeliz que a dôr prostrou !  
 Dás asylo ao peregrino,  
 Aos innocentes ensino,  
 Dás-lh'o pão, dás-lh'o amor !  
 E's, emfim, oh caridade,  
 O pae, a mãe da orphandade,  
 Delegada do Senhor !

Porisso bemdiz-te o cégo  
A que a luz sempre faltou ;  
Bemdiz-te o mais desgraçado  
Que sobre a terra pisou ;  
Bemdiz-te o rico e o pobre,  
Bemdiz-te o plebeu e o nobre,  
Toda inteira a humanidade!  
E é teu nome bemdito  
O suave e doce grito  
Que repete a immensidade !



## IMPOSSIVEL!

Sempre os teus olhos a fitar-me ternos!  
Sempre os teus labios me dizendo—amor!  
Sempre o teu rosto a enlevar minh'alma!  
Sempre o teu riso a minorar-me a dôr!...

Mas sempre a esp'rança a me fugir esquiua!  
Sempre o destino a impedir-me os passos!  
Sempre a incerteza de um porvir risonho  
Do nosso amor espedaçando os laços!...

Que cruel sorte! que matyrio insano!  
Que nuvem négra me escurece a vida!  
Quanto era doce esse viver d'outr'ora,  
E quão amargo nos é hoje, querida!...

Que cruel sorte! que soffrer contínuo!  
E eu amo a vida com tamanha ancia!...  
Quando, meu anjo, lembraremos juntos  
Aquelles gosos do viver da infancia?...



Terrivel phrase que do écho escuto  
Vem incessante duplicar meus ais,  
E inclemente afugentar-me as crenças  
Vem esse termo esmagador—*Jamais!*

A voz dos ventos, o bramir das vagas...  
Tudo parece repetir—*Jamais!*  
E minha mente de pezares s'inunda,  
—Tristes ideias que me são fataes!

Não posso, oh virgem, dedicar-te affectos,  
Não posso, oh anjo, idolatrar-te...não!  
Não póde o misero alentar a esp'rança  
De ufano, um dia, ir pedir-te a mão!

Ai não, não posso! que a distancia é muita,  
E é minha sina por demais cruel!  
—Resta-me apenas aguardar a morte  
Libando a taça deste amargo fel!...

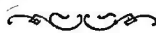


NO VERSO D'UM RETRATO.

Á moça que se namóra  
É uso dár-se uma flôr,  
Que logo murcha e descóra.  
—Se pouco dura o pinhôr,  
Tambem ás vezes amôr  
Não dura mais que uma hora.

Mas é prova mais segura  
D'amisade verdadeira  
Um retrato, que mais dura ;

.....  
Tóma-o, pois, amigo P'reira.



## A UM NARIZ.

Um pedaço da metade  
D'um quarto do teu nariz,  
Cobre o centro e os arrabaldes  
Da cidade de Paris.

( \* \* ).

Todas as musas do Parnaso invóco ;  
Mais a Castalia peregrina fonte ;  
Mais um sorriso do divino Apollo ;  
Mais uma graça do Cupido insonte ;

Mais um bafêjo perfumado e brando  
Que a brisa traga pressurosa á mente ;  
Mais dous olhares da travêssa Venus...  
Oh ! isto inspira !...não inspira, *gente* ?...

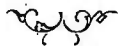
Pois inspirado como estou agora,  
E empregando toda a minha logica,  
Lá vae meu canto, que fará barulho,  
Com essa força—toda mythologica !

Nariz *às braças!* ouvi eu chamal-o,  
 O grande béque que descrevo aqui;  
 Mas nem chamando-o, por exemplo, *às leguas,*  
 Póde ideiar-se do nariz que eu vi!...

Béque estupendo, de feito incrível!  
 P'ra dar ideia desse tal nariz,  
 Só as palavras verdadeiras, fidas,  
 Da citação que no comêço fiz!...

.....

Mau! que se a dona do nariz se zanga,  
 Para castigo do que agora eu fiz,  
 Póde abysmar-me, desalmada, impia,  
 No immenso bôjo desse seu nariz!



## O CONDEMNADO.

De lúgubre mascôrra sentado a um dos cantos,  
Espera o condemnado da morte a fatal hora...  
Ai, triste! ainda ha pouco—a vida, toda encantos,  
Agora a morte em face!... Comtudo elle não chora ;

O rosto tem serêno ; ninguem nelle descobre  
Signaes de soffrimento, remorsos, contricção!  
Poisando sobre a dextra a fronte altiva e nobre,  
Os olhos fita attento nas grades da prisão...

Parece que pre-sente...ao longe...a turba em grita  
Cercando o cadafalso, que a lei mandára erguer ;  
E sem que a morte têma, na these só medita  
—Se pode *a lei* matar, mandando *Deos* viver !

A morte não castiga. Ao pobre condemnado  
 Apraz trocar a vida por outra mais feliz ;  
 Mas vêde...lá se move...levanta-se agitado...  
 Silencio ; elle falla ; ouçamos o que diz :

«Era uma noite...tormentosa, escura ;  
 Do céo n'altura nem sequer luzia  
 Por entre nuvens, rutilante estrella  
 Que na procella é do náuta guia...

«D'espaco a espaco, azulada chamma  
 Que o raio inflamma, fende os céos veloz ;  
 A terra treme co'o feroz bramido  
 Do estampido que resôa apóz !

«E eu voltava da cançada lida  
 Que o pão da vida só produz, diario,  
 De verdes louros a sonhar conquistas,  
 Que é dos artistas o eternal fadario...

«Voltava a casa com ligeiros passos,  
 Crêndo nos braços da mulher querida  
 Gosar ditoso a conjugal ventura,  
 Essa doçura que alimenta a vida...

«Chego: penétro nesse asylo santo ;  
 Céos!...de que espanto não fui prêsa então!...  
 —O proprio leito nupcial, sagrado,  
 Vejo manchado da mais vil traição!...

«Louco, em furia, um agudo ferro  
 No peito entérro do infame amante...  
 Então a pérfida, desleal, infida,  
 Pede-me a vida...e n'um clamôr instante

«Tôma nos braços com extremo ardente  
 Pobre innocente que dormia alli...  
 O anjo chora...Entre a raiva e pena  
 (Funesta scena!) que de horrores soffri!...

«Quero matal-a...vejo o filho em pranto!  
 Não posso tanto...a rasão s'esváe!...  
 —Dáva-me a escolha o cruel destino  
 Entre assassino...e marido e pae!...

«Ao peso enórme desta dôr vergado,  
 Desamparado sobre o chão cahi ;  
 Estive immerso n'um sonhar medonho...  
 E vim do sonho despertar aqui!

«Agora a fôrca jaz p'ra mim erguida,  
 Vae ser cumprida a deshumana lei...  
 Qu' importa o mundo?—se o matar deshonra,  
 Fica-me a honra, que ao matar vinguei!

«Sou prompto, vamos...Já me pesa a vida!  
 Morte querida, porque tardas tanto?  
 Bem vês que aguardo sem receio o córte...  
 Olha...sou forte, não me corre o pranto.

«Lágrimas dôces, que as flores mimosas  
 Tornaes viçosas—dos que n'alma as teem!  
 Des' que a ventura se converte em dôres,  
 Murchas as flores, seccareis também...

«Tenros filhinhos da mulher perdida,  
 Que éreis a vida, os encantos meus...  
 Da minha morte não guardeis lembranças,  
 Pobres creanças! para sempre, adeos!»

Calára-se o condemnado  
 Immerso em funda tristeza,  
 Mas tem no rosto a firmeza  
 Desenhada em claros traços...



Esconde n'alma os vestigios  
 Da dôr que no peito encerra,  
 E nem o rumor o aterra  
 Que p'r'alli dirige os passos.

.....

Cercando o horrendo patibulo  
 Que se erigira na praça,  
 Juntára-se o povo em massa  
 Do dia ao primeiro alvôr ;  
 —Multidão compacta, immensa,  
 Que viera (cousa incrível!)  
 Para assistir impassivel  
 A'quella scena de horror!

Eis que chega o condemnado  
 Entre as álas de soldados ;  
 Traz os pulsos algemados  
 E nas mãos—Christo na cruz!  
 Sácro emblêma, que ness' hora  
 Lhe é esp'rança e conforto ;  
 Pharol que do eterno porto  
 Lhe mostra a celeste luz !

Ao pé da escada fatal  
 Um sacerdote o abençôa...  
 —*Justiça* (uma voz pregôa)  
*Que manda fazer el-rei!*—  
 E o triste sóbe serêno  
 Ao cimo do cadafalso,  
 Onde existe um banco falso  
 Como é falsa e iniqua a lei!

Ahi sentado, e emquanto  
 O algoz com firme braço  
 Segura a ponta do laço  
 Com que o deve estrangular,  
 Lança em tórno um olhar incerto,  
 Derradeiro adeos ao mundo...  
 Gyra o banco...e n'um segundo  
 Eis um cadáver no ar!

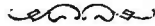
.....

Exultae, povo! Juizes,  
 Vossa missão está cumprida!  
 Immolasteis uma vida  
 No altar d'um falso deos!  
 Rendei culto ao Exterminio!  
 Folgue a lei, a iniquidade,  
 Gêma embóra a humanidade,  
 Bradem—horror—os proprios ceos!

## ACROSTICO.

(A PEDIDO DE UM AMIGO).

Tu, que co'um só olhar me fascinaste  
Hontem, a vez primeira em que te eu vi,  
O triste peito meu logo deixaste  
Mil venturas sonhando, só por ti.  
Assim, escuta e crê, oh Thomasinha:  
S'inda d'hontem conservas a lembrança,  
—mita-me, alentando a esperança—  
Vrisonha esperança—de sêres minha.



A I \* \* \*

Era triste a minha vida  
Como sempre ella foi triste,  
Até quando me feriste  
Co' um sorriso o coração.  
E o futuro, qu' eu suppunha  
Ter um céu de negras côres,  
Tu m'o encheste das flôres  
Que só venturas nos dão.

Se na patria ainda penso  
Como d'antes eu pensava,  
Se dos gosos que gosava  
Me recórdo com pesar;  
Já não sinto como d'antes  
Esse pezo indefinido,  
Que a meu peito comprimido  
Mil suspiros fez soltar.

Sim, chorei. Tinha saudades  
 Que minh' alma entristeciam;  
 E se meus labios sorrissem,  
 Ah! no peito me hia a dôr...  
 Muito custa ser forçado  
 A sorrir perante o mundo,  
 Quando no peito, bem fundo  
 Nos corróe o dissabor!

E eu mentia; porque alegre  
 Suffocava os meus gemidos,  
 E de risos bem fingidos  
 Adornava os labios meus;  
 Mas agora já não choro,  
 E se rio, já não minto,  
 Que no peito o praser sinto  
 Que me dás nos risos teus.

Foste tu, que a negra vida  
 Me alegráste co' um sorriso;  
 Foi por ti, que o paraíso  
 N'este mundo eu antevi.  
 Foste tu, anjo querido,  
 Qu' esses dias de amarguras  
 Me trocáste por venturas,  
 Que hoje devo só a ti.

## SONETO.

Ao meu amigo C. S. no dia do seu  
casamento.

Brilha mais do que nunca o sól n'altura ;  
Cantam com mais prazer os passarinhos,  
E, alegres saltando nos raminhos,  
Celebram deste dia a formosura.

Do már as mansas ondas, com brandura  
Beijam a praia, em doces murmurinhos ;  
Bravias feras dormem nos seus ninhos ;  
Tudo é paz ! tudo amôr ! tudo ventura !

Cercados de auréolas refulgentes,  
Descem do céo, em grupo reunidos,  
Muitos anjinhos a voar contentes ;

Manda-os Deos á terra, incumbidos  
De em seu nome abençoar dous entes  
Que—para sempre—vão ser hoje unidos.

## N'UM ALBUM.

Amigo, pedes um canto  
Bem cheio de inspiração  
A quem só tem coração  
Para amar, para sentir,  
Mas que não sabe da lyra  
As doces cordas ferir?  
—E' pedir um impossivel,  
E' luz ás trevas pedir.

Vae pedil-o á doce brisa  
Que suspira nos rosaes ;  
Ou á rolinha, que geme  
No seio dos pinheiraes.

Vae pedil-o á clara fonte  
Onde a lua se retrata ;  
Ao sabiá, o mais terno  
Dos cantôres de qualquer matta.

Vae pedil-o á madrugada,  
Que é do dia precursôra ;  
Ou dos bósques aos encantos,  
A philomela canóra.

Vae pedil-o á tempestade,  
Ao ribombar do trovão,  
Vae pedir ao már revôlto  
A sua eterna canção ;

Só assim terás um canto  
Bem cheio d'inspiração ;  
Um canto de sons infindos,  
Que te falle ao coração.





## QUE SEREI ?

Ha neste mundo patusco  
Mil carreiras a seguir !  
No entanto procuro, busco  
Uma que possa servir,  
Que me agrade e satisfaça,  
Mas qual achar, qual chalaça !  
E' tudo tempo perdido !  
Comtudo não perco a esp'rança...  
E, embora haja tardança,  
Já agora estou resolvido !

—Nas artes, será mal feito  
Vêr se posso penetrar?...  
Não era; mas falta o geito  
P'ra me poder arranjar !  
E demais, que arte é essa

Que não tenha uma tripeça,  
 Que não seja emfim massante?...  
 Nem sequer essa dos Talmas,  
 Porque para alcançar palmas  
 E' preciso ser constante!...

E a respeito de constancia  
 Não sei até que diria...  
 Quem não a tem desde a infancia,  
 Menos hoje inda a teria ;  
 Depois, a vida do actor,  
 Se um instante dá calor  
 E a proseguir o convida,  
 Tem tambem muitos momentos  
 De taes *desapontamentos*,  
 Que o fazem ter odio á vida!...

Tambem lá p'ra ser soldado  
 Não me criou quem me fez...  
 E d'ahi...desafortunado  
 Talvez não fosse, talvez ;  
 Podia ser furriel,  
 Ir subindo, e a coronel  
 Chegar eu por fim até ;  
 —Mas ai ! que vida indecente  
 A da tarimba inclemente,  
 Em quanto fosse do *pret!*—

Ora esperem : dar-se-ha caso...  
 —Por meio do casamento,  
 Sem custo e em breve praso  
 Eu posso ser opulento!  
 Com mulher feia ou bonita,  
 Seja alta ou pequenita,  
 —Porem que traga dinheiro—...  
 Mas quem o tem não s'entrega,  
 E a não tê-lo, quem m'ê pega?  
 Ninguem, que eu não sou sendeiro!...

E que horrivel sacrificio  
 Esse tal de—namorar—,  
 Que é p'ra muitos um vicio,  
 Mas que me faz enojar!...  
 Andar eu embasbacado  
 Estragando bom calçado  
 P'ra baixo e p'ra cima á tôa,  
 P'ra depois desta massada  
 Vêr a menina, enfadada,  
 Orçar em cheio co' a prôa!...

Pôr-me eu a aturar pieguices  
 Desses—anginhos sem azas—  
 Que ás vezes têm taes perrices  
 Que nos põem a bóla em brasas?!...  
 Nada, nada! o casamento

E' um horrivel tormento  
 Que me não tenta ou engana ;  
 Porque esse jugo tamanho,  
 E de filhos um rebanho,  
 Davam commigo em Pantana!...

Mas...que serei, afinal?  
 Andar p'r' ahi *á divina*  
 Sem possuir um real,  
 Parado a qualquer esquina,  
 Não me convem com certeza;  
 Tenho sobeja esperteza  
 E grandes aspirações!...  
 —Oh! pensamento bonito!  
 Vou p'r'o commercio, está dito,  
 —Carreira de commoções!

Contam della tanta historia...  
 Chamam-lhe mui lucrativa...  
 Mas...essa fama, essa gloria,  
 O que será que a motiva?...  
 Não tem porventura espinhos?  
 Não tem tambem ruins caminhos  
 Como qualquer outra tem?  
 Pensêmos maduramente;  
 Não presta ser imprudente  
 A escolher futuro bem.

—Se o individuo é caixeiro  
 Por não poder ser patrão,  
 Ou—por falta de dinheiro,  
 Ou mesmo—d'habilitação...  
 Ai ! coitadinho do pobre  
 Que nada, nada o encobre  
 Dos repetidos *carões*!...  
 Quer seja assaz descansado,  
 Quer seja em tudo apressado,  
 Não se lhe attende a razões.

Tem *carão* dos superiores,  
*Carão* tambem do freguez ;  
 Té mesmo dos inferiores  
 Tem *carão* por sua vez!...  
 E desta fórma coagido  
 Ahi anda o triste vendido  
 Sem achar onde se acoite ;  
 Começam de madrugada,  
 E ahi vão *carões* d'embrulhada  
 Até que fecham, á noite!...

Mas não são só os *carões*  
 Que a vida tornam damnada ;  
 Ha tambem certos patrões  
 Que, primando na massada,  
 Exigem do empregado

O mesmo que um desalmado  
 Do seu proprio escravo quer ;  
 De tal maneira, que ao triste  
 Já nenhum direito assiste  
 P'ra namorar, se quizer!...

Massada a fazer a escrita;  
 Massada, e grande, a vender;  
 E tambem a sobredita  
 Massada, até p'ra comer!...  
 Pois inda assim tão massado  
 Anda sempre apoquentado  
 Com os *sébos* do patrão!  
 E não tem folga nenhuma...  
 Só não ha massada alguma  
 P'r' *abrir a porta*—isso não!...

Por outro lado, se tenta  
 Estab'lecer-se um sугeito,  
 Que mil vexames aguenta  
 Não tendo crédito feito!...  
 Os credores, nos vencimentos  
 Querem com recebimentos  
 A conta saldar de prompto ;  
 E se o seu fim não conseguem,  
 De tal maneira o perseguem  
 Que o pobresinho...faz ponto !

Ahi está do commercio a historia,  
 Com excepções limitadas;  
 A quebra, ou a moratoria,  
 Andam sempre de mãos dadas !  
 —E ha de ser, pois, nesta vida  
 Instavel, aborrecida,  
 Que eu vá metter-me? Não quero !  
 —Mas tambem, nesta indolencia,  
 Vae-me faltando a paciencia,  
 E por fim eu desespéro!...

Não tenho geito p'r' artista;  
 Militar não quero ser;  
 Nem tão pouco tenho em vista  
 Casar-me para enriquecer...  
 Assim, pois, só me convinha  
 Se a propria vontade minha  
 Das leis vencesse os rigores,  
 Poupar da vida os tormentos,  
 Indo n'um dos bons conventos  
 Metter-me—FRADE—leitores!...



## DESVENTURA.

Sinto uma dôr que me mata,  
Que me corta o coração...  
É—amôr—, que me maltrata  
Sem ter dô, sem compaixão.  
Amôr,—cruel e tyranno,  
É um algoz deshumano  
Que jurou zombar de mim :  
Deu-me venturas outróra,  
Dá-me tormentos agora,  
Dar-me-ha a morte, emfim!

Prendeu-me a uma donzella:  
E tão doce era a prisão,  
Que eu jurei, nos braços della,  
Dar-lhe a vida, o coração...  
Eu a amei com tal delirio,



Que soffrêra atroz martyrio  
 Só por vê-la junto a mim ;  
 E ella... amava-me tanto,  
 Com amôr tão puro e santo,  
 Que jamais houve outro assim !

.....

Mas, ai ! findou-se a ventura,  
 Pois tudo tem o seu fim ;  
 —A causa da desventura  
 Não ma perguntem a mim—  
 Mas sinto-me inda abrasado  
 Por esse fogo ateado  
 Pelo fatal deos d'amôr,  
 E o poder que me sepára  
 D'aquella que me é tão cara,  
 Me condemna a eterna dôr !

Debalde busco, incessante,  
 Um allivio ao meu soffrer :  
 A dôr se acalma um instante  
 P'ra mais forte renascer !  
 Por mais que esquecêr-me queira

D'aquella que a vez primeira  
M'inspirou santa affeição,  
Não posso : é minha sorte ;  
Soffrerei, té vir a morte  
Extinguir esta paixão.



## ELLA.

É doce seu nome ; seu talhe é flexivel ;  
A tez é de neve ; e os olhos...que còr !  
São destes que matam...mas só de ventura ;  
Por elles se morre...mas é só d'amôr !

O rosto é comprido ; bem negro o cabello ;  
A bôca pequena...que bôca, meu Deos !  
Fechada, entre-aberta, bulindo ou quieta,  
Que graça celeste ! que encantos os seus !

As faces rosadas, que enlevos encerram !  
Na voz, que doçura ! que som mavioso !  
Se falla, arrebata ! se canta, extasía !  
Se ri, então mata...mas mata de goso !

E o collo de jaspe tão alvo, tão puro !  
E o seio a ondular-lhe d'amôr, só d'amôr !  
—Porem... desventura! bem forte elle pulsa  
Por outro *marmanjo*, não eu...  
Céos! que horror!!



## LEMBRANÇA.

Foi n'aurora do viver,  
Quando tudo nos sorri,  
Qu' eu á terra onde nasci  
Lacrimoso disse—adeos—!  
Foi n'aurora do viver,  
Quando tudo é alegria,  
Que a distancia m'escondia  
Os queridos patrios ceos!

E o navio sobre as aguas  
Ligeiro se deslisava,  
E só eu, triste, chorava  
Porque via a patria alem!  
A brisa enfunava os pannos  
N'aquelles mastros compridos,  
Que juntavam seus gemidos  
Aos meus gemidos tambem!

Oh que dôr, meu Deos, que dôr  
Me opprimia o coração !  
Que terrivel sensação  
Em minh' alma então senti !  
Estendi ao longo a vista...  
Uma nuve' escurecida  
M' escondia a patria qu'rida,  
Esse berço em que nasci !

Deslisou-se amargo pranto  
Pelas faces abatidas ;  
Ah! que notas tão sentidas,  
E que ais, meu peito deu !  
Essa grata sombra escura  
Minha vista inda buscava ;  
Mas, além,... só divisava  
Ar, espaço, mar e céu!...



## TRES TEMPOS.

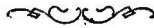
•

Mandando eu, ha tempos, um *presente*,  
Ficou-se o conteúdo e o conteneute.

O caso é desusado,

E eu fiquei *passado!*

Jurei pois aos meus deoses, e inda juro,  
Não fazer mais presentes p'r'o *futuro...*



## NA PRIMEIRA PAGINA

DO ALBUM DE UM AMIGO.

Quando ás vezes, sentado a uma meza,  
Empunhando o papel e a penna,  
Me disponho a escrever com presteza  
Uns versinhos quaesquer p'r' a pequena;

Ou então p'r' a familia uma carta  
(De quem lembro as passadas caricias),  
Procurando as saudades—á farta  
Minorar-lhe—com bôas noticias ;

Ou então p'ra pessôas amigas  
Que residem aqui, ou além,  
E—lembrando amizades antigas,  
Novidades me pedem tambem,



E ao que a gente não déve furtar-se  
 Porque a instancias assim reiteradas  
 É mil vezes melhor o prestar-se  
 Do que vêl-as depois amuadas ;

Ou então p'r' os jornaes—mas coherente—  
 Encoberto na capa do anônimo,  
 P'ra dizer com franqueza o que sente  
 Sem que o povo descubra o pseudonymo ;

Ou então...eu sei lá! Por vontade  
 Tudo isso se póde fazer,  
 Sem que a gente padeça metade  
 Do que estou eu agora a soffrer.

Porque o album abrir de um amigo  
 Que nos péde com ancia e fervor  
 Ou em verso, ou em prosa um artigo,  
 Ou então um dezenho...oh, que horror !...

Cá por mim fico logo em suóres,  
 Tudo então m'enraivece e consóme,  
 Porque é uma das cousas peiores  
 Ter de expôr ao ridic'lo o meu nome !...



## SONETO.

Quem não sabe o que quer dizer *aquillo*  
Na frente do theatro pendurado,  
Repáre no lettreiro lá pintado  
E não se cansará p'ra descobril-o...

Póde mui bem qualquer pintar um *grillo*,  
E escrever por baixo—*isto é veado*;  
O *bicho* existe alli symbolisado,  
E o lettreiro basta a definil-o...

Ninguem, portanto, rir-se deveria;  
Que o latoeiro Maximo adópta  
Por symb'lo dos funís o rei do dia,

E eu já ouvi contar uma anecdota  
De certa tabolêta, em que se lia:  
—CHAPELEIRO— por baixo d'uma bota.



## APUROS.

Estou zangado. A pequena enfadou-se  
Porque ha pouco de—má—eu chamei-a;  
Dize pois, lyra minha, o que julgas,  
Tu que entendes do caso?...

—Má ideia!

Obrigado! Se isso só dizes,  
Com certeza que nada adiantas;  
Tanta vez já lh' o tenho chamado,  
Só agora zangou-se...

—São tantas?

Pois não sabes, brejeira, não sabes  
Que se ás vezes me nega uma flôr,  
De chamal-a de—má—não me esquivo,  
Sem licença pedir?...

—Sim senhor...

*Sim senhor!* Ora, lyra, que luxo!  
 Não augmentes a dôr ao afflicto  
 Que te péde um conselho de amiga,  
 Como tantos lhe has dado...

—Bonito!...

Oh tormentas! oh raios! oh furias!  
 Tudo quanto do inferno é prenuncio!...  
 Oh! idéia horrorosa e maldita!  
 Oh! momento tremendo!...

—*Abrenuncio!*...

Que solemne debique! Eu agora  
 Que de ti só esperava clemencia,  
 Com desdens e sarcasmos respondes,  
 E não dás-me um conforto!..

—Paciencia!

Qual paciencia! Que vale a paciencia,  
 Se eu agora somente preciso  
 Que me dês um remedio infalivel  
 Para o mal que está feito?

—Juizo!

É de mais! Que palavra iracunda!  
 Oh! que lucta terrivel e ingloria!  
 Pois não vês quanto soffro, não pódes  
 Minorar esta dôr?...

—Qual historia!...

Oh frieza inaudita! oh delirio!...  
 Pois ignoras que—sem reflexão—  
 Foi que eu tive essa grande loucura,  
 Sem tentar offendel-a?...

—Está bom...

Pois não sabes tambem quanto a adoro?  
 Que um amor mais profundo não ha?  
 E pois, vendo-a chamar-me *fingido*,  
 Não me tive, e chamei-a...

—De—má?

Tal e qual ; mas bem vês que os gracejos  
 Nunca passam de simples chimeras,  
 Entre dous que se estimam e amam  
 Como nós nos amamos...

—Devéras?...

Desconheces então que uma graça  
 Dita a êsmo, sem tom de maldade,  
 Entre dous corações que se entendem  
 Como os nossos, tão bem...

—Que vaidade!...

Oh cruel desespero! oh desdita,  
 Que me inspiras idéias fataes!  
 Sem um meio sequer de salvar-me,  
 Que viver será o meu?...

—E que mais?...

Se inda em ti antevia uma esp'rança  
 Como tantas ás vezes me has dado,  
 P'ra trahir-me sem dó nem piedade  
 Este ensejo escolheste...

—Coitado!...

Commovida te vejo! É possível  
 Que nest' hora eu alcance o meu fim?  
 Recupera essa antiga bondade,  
 Sê piedosa, querida!...

—Pois sim...

Oh! por Deos! não insistas, não queiras  
 Que eu de raiva levado a este gráo,  
 D'outro tempo te esqueça os favores  
 E por fim te despreze...

—Ai, que máo!...

Basta, basta! Já vi que é baldado  
 Todo o esforço que empregue a razão,  
 P'ra de ti conseguir um allivio  
 N'um conselho qualquer...

—Talvez não...

Hein? promettes? oh dize—promettes?  
 Que conforto me dás no *talvez!*...  
 Não me canses, porem; sê benigna,  
 Que já soffro de mais...

—Tem seus *qués!*...

Pois que exiges? Se estou tão constricto,  
 Que haverá que eu não deva fazer  
 P'ra sahir deste apuro indizível,  
 Deste transe cruel?...

—Vamos vêr...

Vamos ! Dize, termina o martyrio,  
 Que mais tempo eu não posso esperar !  
 P'ra tornal-a aos passados carinhos,  
 O que dêvo fazer ?...

—De vagar !...

*De vagar !...* Que maior vagar queres  
 Se de todo a prudencia esgotei?  
 Vamos, dize se queres,—e ao contrario  
 Acabemos com isto...

—Não sei.

**EU**

—Oh ! raiva ! Tenho uma lyra  
 Que embora pouco massada,  
 Quando mais della preciso  
 É quando não produz nada !...

**A LYRA**

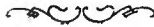
E tenha a lyra por dono  
 Quem faz—sem pensar—asneiras,  
 E depois, quando em apuros,  
 Quer conselhos ás carreiras !...





## ESPERANÇA!

Esperança! perfume da vida,  
Que, sem ti, fôra rosa sem cheiro!  
Esperança! palavra querida  
Que traduzes—venturas, dinheiro!  
Eu em ti tenho fitos os olhos,  
E por ti vou pisando os abrólhos  
Que da vida s'encontram na estrada;  
Não illudas, oh deusa, os meus planos,  
Que eu só quero—d'aqui a dous annos—  
Vinte contos—saude—e...mais nada!



## NÃO VOLTES!

Oh vae, andorinha que vôas ligeira,  
Não voltes, qu' eu quero esquecer-me de ti;  
Não venhas lembrar-me dos tempos passados,  
Oh segue, não voltes, não voltes aqui!

Distante da patria, esta vida que passo  
    Não tem as venturas  
    Que tinha, bem sei;  
P'ra que, pois, lembrar-me dos dias que foram,  
    Se alegres, risonhos  
    Não mais os terei?

P'ra que recordar-me dos tempos ditosos  
Em que tantas vezes na patria te vi?  
Não posso mais vêr-te, que os dias mudaram,  
Oh segue, não voltes, não voltes aqui!

Não é já bastante o que tenho soffrido  
Nas noites inteiras  
Que passo a scismar ?  
Se a vida é tão curta, p'ra que vens trazer-me  
Nos dias que restam  
Contínuo penar ?

Não mais esvoaces no céu que me cobre,  
Que vens recordar-me outro céu que já vi;  
Não digas á patria que d'ella m'esqueço,  
Mas segue, não voltes, não voltes aqui !



## N'UM ALBUM.

« Versejar, é simples cousa,  
« Rimas tôlas quem quer faz ;  
« Mas prender ideia a ideia,  
« Com profunda e rica veia,  
« Como é, não me dirás? »

Esta pergunta era feita  
Nesse gracioso estylo,  
Pelo meu mestre Camillo \*  
Ao seu collega Novaes ; \* \*  
Ora se o *aleijadinho*  
Do meu mestre, não sabia,  
Que juizo se faria  
De mim, se escrevesse mais ?!

\* Camillo Castello Branco.

\* \* Faustino Xavier de Novaes.

## FRAGMENTO.

(A' BEIRA—MÁR)

Eil-a sentada da mangueira á sombra ;  
Poisa na dextra a rósea face linda,  
E fita os olhos—sem saber aonde—,  
E sô nha amôres—sem amar ainda—!

Ténue suspiro de seus labios fôge,  
E váe perder-se n'amplidão dos mares ;  
Dôce, mais dôce que o passar da brisa,  
Que agita as flôres, perfumando os áres !

.....



## ORA VEJAM !...

Certo moço gamenho e mui pateta,  
E tambem com fumaças de poeta,  
    Com grande ardor amava  
Uma joven e sympathica donzella  
Bastante espirituosa, e muito bella,  
    —Que nem p'ra elle olhava.

No auge da paixão febricitante,  
Muito ufano de si, o tal pedante  
    Á donzella escrevêra,  
Dizendo-lhe n'uns versos mui banaes  
Que—preza dos seus mimos virginaes—  
    Por ella *indoidecêra*.

A joven vendo junta tanta asneira,  
E como era bastante zombeteira,  
    Sobre o caso pensou ;

Depois duas palavras escreveu  
Na carta, e apressada a devolveu  
Por quem lh'a entregou.

Imaginem agora o que diria  
A joven, que de certo conhecia  
Do moço o pouco siso !...  
Contente abre elle a carta, esperançado...  
Porem logo ficou desapontado  
Pois leu :—*Tenha juizo!*



## SONETO.

Amigo Guimarães: quão diferentes  
Nossos estros eu acho, se os compáro!  
O teu—das nove musas filho cáro;  
O meu—nunca as encontra indulgentes!

Nos teus versos eu vejo bem patentes  
Rasgos d'erudicção, talento raro;  
Emquanto que nos meus,—de rude, ignáro,  
As provas só divisô—salientes!

Embora veja em ti um incentivo,  
Eu não creio poder sentir um dia  
D'ardente inspiração o fogo activo;

Pois—nos campos brincando da poesia,  
Se busco imitar-te o vôo altivo  
Dou commigo no chão da prosa fria!



## A UM NOVO POETA.

.....  
E a porta aberta deixando,  
Fogem todos os patetas ;  
Desde então, por toda a parte,  
Ninguem vê senão poetas.

(F. X. de NOVAES.—O vento lêste).

Só Zé. Deveras lh' estranho  
Essa exquisita mania,  
De se pôr—sem mais nem menos—  
A rabiscar em *poesia!*...

Tóme de mim um conselho  
Que já tenho dado a mais :  
—Desvie sempre a cabeça  
Dos barrêtes do Novaes ;

Porque elle tem cada um...  
Tão proprio...tão bem talhado...  
Que eu receio que lhe assente ;  
Ande lá! tóme cuidado !

S'inda lhe lembram os versos  
Que elle chama—*O vento leste*—,  
Ao menos os quatro ultimos  
De *paladar* tão agreste,

Não queira nunca que o chamem  
Nem por brinquito—poeta—;  
Que deste nome o synonymo,  
Como elle diz, é—pateta—.

Por isso eu o aconselho,  
Como tenho feito a mais:  
—Desvie sempre a cabeça  
Dos barrêtes do Novaes.



## DESPEDIDA.

Adeos!...Ai, que muito custa  
Dizer—adeos—  
Ao anjinho que se adóra,  
Quando no peito se sente  
A chamma devoradôra  
Da saudade a s'inflammar!...  
Ai, meu Deos, que muito custa  
Dizer—adeos!—

Estrella do meu norte,  
Mimoso seraphim!  
Eu parto a percorrer ignotos mundos...  
E—se em vez da fortuna achar a morte,  
Esquece-te de mim...

Não! não te esqueças, que os amôres profundos  
Devem de ser eternos, como é Deus!

.....  
Ai, meu Deus, que muito custa  
Dizer—adeos!...—



## DEDICADOS

AO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA.

Fôste creado para honrar a patria  
Por alguns filhos d'essa lusa terra,  
Em cujos peitos se ateiava indómito  
O sacro fogo que o civismo encerra.

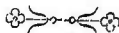
Surgiste! e embora a indifferença errónea  
Tentasse armar-te porfiadas iras,  
Jamais lográra seu cruel proposito,  
Porque tu, antes, a razão lhe abrias.

Vingáste, pois; e eis-te agora impávido,  
Na luz que emana de teu brilho santo,  
A sumir trevas—transformando as indoles—  
Com nobre empenho, com sublime encanto.

A quantos cégos, como eu, benéfico  
Não tens mostrado do saber o trilho!  
Quantos, libertos do medonho bárathro,  
Não 'stão captivos de teu mago brilho!

Quantos, coitados, da fortuna réprobos,  
Roubados cêdo ao maternal carinho,  
Em ti procuram illuminar o espirito,  
Para da vida demandar caminho!

Dos mil exemplos que contemplo em éxtasis,  
Um sou—de todos o mais fraco embora—  
Que n'um mesquinho e bem humilde cantico  
Sincero preito vim render-te agora.



# INDICE.

|                                                 |    |
|-------------------------------------------------|----|
| Advertencia.....                                | V  |
| Dedicados ao Gabinete Portuguez de Leitura..... | 7  |
| Recitados no dia 1.º de Dezembro de 1867.....   | 11 |
| Supplica.....                                   | 15 |
| A Joven Captiva.....                            | 20 |
| Á Caridade.....                                 | 23 |
| E' já tarde, mulher!.....                       | 25 |
| O macaco que mostra a lanterna magica.....      | 27 |
| Soneto.....                                     | 31 |
| A uma folha de cravo.....                       | 32 |
| Eras tu?.....                                   | 35 |
| A folha.....                                    | 37 |
| Eu vi-a!.....                                   | 38 |
| Hontem.....                                     | 40 |
| Manhã d'amor.....                               | 42 |
| Soneto.....                                     | 45 |
| As duas amigas.....                             | 46 |
| A***.....                                       | 48 |
| Escuta!.....                                    | 49 |
| Morrer!.....                                    | 52 |
| Os meus bons tempos.....                        | 55 |
| A M.....                                        | 65 |
| Soneto.....                                     | 67 |
| Vivo, ou sônho?.....                            | 68 |

|                                               |     |
|-----------------------------------------------|-----|
| Desalento.....                                | 70  |
| Hymno.....                                    | 73  |
| A Raphael J. Croner... ..                     | 75  |
| Recordações.....                              | 77  |
| Recitativo .....                              | 79  |
| Soneto.....                                   | 81  |
| Lembras-te?.....                              | 82  |
| Carta a um amigo de Pernambuco.....           | 85  |
| Fragmento .....                               | 94  |
| Distribuidos no theatro S. Luiz .....         | 96  |
| Conta corrente.....                           | 98  |
| Soneto.....                                   | 105 |
| A *** .....                                   | 106 |
| Na primeira pagina d'um album.....            | 108 |
| O cego .....                                  | 112 |
| A campã e a rosa .....                        | 116 |
| A campã e a rosa (burlesca).....              | 117 |
| Bem hajas!.....                               | 118 |
| Os dous callistas.....                        | 121 |
| Soneto .....                                  | 122 |
| Á inauguração do novo hospital portuguez..... | 123 |
| Impossivel!.....                              | 126 |
| No verso d'um retrato.....                    | 128 |
| A um nariz.....                               | 129 |



|                                                 |     |
|-------------------------------------------------|-----|
| O Condemnado .....                              | 131 |
| Acrostico .....                                 | 137 |
| A I*** .....                                    | 138 |
| Soneto .....                                    | 140 |
| N'um album .....                                | 144 |
| Que serei?.....                                 | 143 |
| Desventura.....                                 | 150 |
| Ella .....                                      | 153 |
| Lembrança .....                                 | 155 |
| Tres tempos .....                               | 157 |
| Na primeira pagina do album d'um amigo .....    | 158 |
| Soneto .....                                    | 160 |
| Apuros.....                                     | 161 |
| Esperança!.....                                 | 167 |
| Não volte!.....                                 | 168 |
| N'um album ... ..                               | 170 |
| Fragmento (á beira-mar) .....                   | 171 |
| Ora-vejam!.....                                 | 172 |
| Soneto.....                                     | 174 |
| A um novo poeta.....                            | 175 |
| Despedida.....                                  | 177 |
| Dedicados ao Gabinete Portuguez de Leitura..... | 179 |







1872

## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).